

CÂNDIDO

BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

71

JUNHO 2017
www.candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

A festa de Bloom

O Cândia celebra o Bloomsday publicando um texto de ficção inspirado no clássico de James Joyce e um relato de viagem escrito por uma joyceana



Foto: Eneida Serrano

A cada ano, leitores do mundo todo têm uma ótima desculpa para ler, rere ler e discutir um dos maiores monumentos da literatura mundial. Há décadas, 16 de junho é o dia de James Joyce e seu livro mais impactante, o assombroso *Ulysses*, lançado há 95 anos, em 1922. A data é lembrada para homenagear o périplo vivido por Leopold Bloom, protagonista do romance, que tem a normalidade de sua vida transformada em odisséia pelo gênio do autor irlandês.

Nesta edição, o **Cândido** celebra a efeméride e oferece aos leitores visões idiossincráticas de dois joyceanos a respeito do Bloomsday, fenômeno que ultrapassou o campo literário e se estabeleceu como uma marca cultural forte até mesmo para os não leitores de Joyce.

A professora e tradutora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dirce Waltrick do Amarante faz um relato apaixonado sobre *Ulysses* e seu autor — paixão que a levou a diversas partes do mundo em busca de cenas, personagens e lugares eternizados na literatura de James Joyce.

O escritor e tradutor Caetano Galindo cria uma ficção a partir da ideia de que Leopold Bloom estaria por aí, nas ruas de Curitiba, flanando como fez na Dublin do início do século XX. Tradutor da versão mais recente de *Ulysses* no Brasil, Galindo emula o estilo joyceano em uma narrativa que mostra Bloom metamorfoseado nos cidadãos comuns de uma grande cidade brasileira.

A 71ª edição do **Cândido** ainda traz uma grande reportagem sobre o legado poético de Mario Quintana (foto). O texto reflete sobre a importância do autor nascido em Alegrete (RS) a partir do livro *A vaca e o hipogrifo*, obra lançada há 40 anos e que marcou a volta do

autor à poesia depois de um longo hiato.

Outro autor gaúcho, Fabrício Carpinejar, participou do projeto Um Escritor na Biblioteca em maio. O **Cândido** publica os melhores momentos do bate-papo, em que o poeta e cronista fala sobre suas principais referências literárias e sua relação com as bibliotecas.

Na seção Perfil do Leitor, o entrevistado é o cantor e compositor Jorge Du Peixe, do grupo pernambucano Nação Zumbi. Fã de quadrinhos, ficção científica e dos autores da *beat generation*, ele revela a influência da literatura em suas letras.

O ensaio fotográfico do mês fica por conta de Gean Ferronato, que discute o contraste entre solidão e multidão nas grandes cidades. Entre os inéditos, a edição traz dois contos de Estevão Azevedo e poemas de Marco Aurélio Cremasco.

Boa leitura.

EXPEDIENTE

CÂNDIDO

Cândido é uma publicação mensal da Biblioteca Pública do Paraná



Governador do Estado do Paraná: Beto Richa

Secretário de Estado da Cultura: João Luiz Fiani

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná: Rogério Pereira

Presidente da Associação dos Amigos da BPP: Marta Sienna

Coordenação Editorial:

Rogério Pereira e Luiz Rebinski

Redação: Marcio Renato dos Santos e Omar Godoy

Estagiários: João Lucas Dusi e Luis Izalberti

Coordenação de Desenho Gráfico | CDG | SEEC:

Rita Solieri Brandt | coordenação

Raquel Dzierva | diagramação

Colaboradores desta edição:

André Ducci, Caetano Galindo, Dirce Waltrick do Amarante, Guazzelli, Estevão Azevedo, Gean Ferronato e Marco Aurélio Cremasco.

Redação:

imprensa@bpp.pr.gov.br | (41) 3221-4974

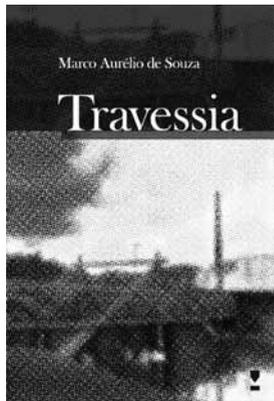
Cândido na internet:

candido.bpp.pr.gov.br

jornalcandido

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133. CEP: 80020-901 | Curitiba | PR.
Horário de funcionamento:
Segunda a sexta, das 8h30 às 20h.
Sábados, das 8h30 às 13h.

Todos os textos são de responsabilidade exclusiva do autor e não expressam a opinião do jornal.



TRAVESSIA

Marco Aurélio de Souza, Koter Editorial, 2017

Marco Aurélio de Souza faz de sua Rio Negro (PR) natal uma Macondo, no caso, cenário de seu livro de poemas *Travessia*. A exemplo da Itabira de Drummond, a Rio Negro de Souza é apenas uma fotografia na parede. Hoje o autor vive em Ponta Grossa e, a partir da memória, recria os seus anos de formação. Os episódios pessoais são transformados em questões comuns a todos, independentemente de onde a infância tenha acontecido. Dalton Trevisan inventou uma Curitiba, da mesma maneira que Domingos Pellegrini escreveu uma Londrina e Miguel Sanches Neto criou uma Peabiru. Agora, Rio Negro também está no mapa da literatura por meio destes poemas de Marco Aurélio de Souza.

ENQUANTO HOVER CHAMPANHE, HÁ ESPERANÇA

Joaquim Ferreira dos Santos, Intrínseca, 2016

Em sua coluna diária no *Jornal do Brasil* e depois em *O Globo*, Zózimo Barrozo do Amaral (1941-1997) oferecia ao leitor informações sobre a sociedade brasileira, principalmente a carioca, por meio de um texto elegante, irônico e bem-humorado. O jornalista Joaquim Ferreira dos Santos conta quem foi o colunista em *Enquanto houver champanhe, há esperança*. Santos apresenta as facetas de Zózimo, do início ao fim trágico. O ponto alto do livro são os relatos dos anos 1970 e 1980, períodos em que o Brasil e a vida noturna carioca se transformavam — mudanças sagazmente registradas pelo colunista.

Joaquim Ferreira dos Santos
ENQUANTO
HOVER
CHAMPANHE,
HÁ
ESPERANÇA
Uma biografia de
ZÓZIMO
BARROZO DO
AMARAL



CONTRACULTURA ATRAVÉS DOS TEMPOS: DO MITO DE PROMETEU À CULTURA DIGITAL

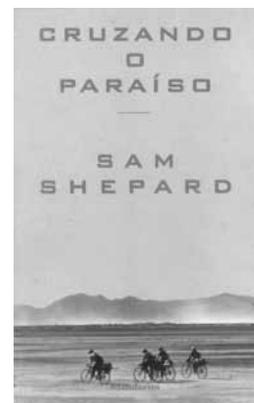
Ken Foley, Ediouro, 2007



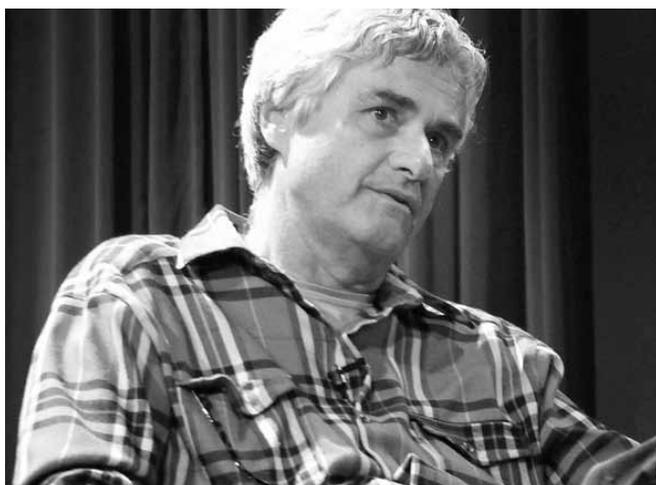
Escrito pelo ativistas e agitadores norte-americanos Ken Goffman e Dan Joy, o livro já começa com um conceito esclarecedor: “a” contracultura não existe. Existem, sim, muitas contraculturas, surgidas nas mais diferentes épocas e regiões do planeta. A partir dessa visão ampliada, Goffman passeia por exemplos que vão dos socráticos ao *hackers*, passando por trovadores medievais, taoistas, *glam rockers*, iluministas. Nesse apanhado de grupos que questionaram os valores vigentes de seu tempo, até o Tropicalismo tem seu espaço — retratado como uma importante manifestação contracultural antiautoritária da América Latina.

CRUZANDO O PARAÍSO

Sam Shepard, Mandarim, 1996



A solidão, melhor companheira dos maiores autores, é matéria-prima para várias histórias desta coletânea de contos do ator, diretor e escritor Sam Shepard. A vida isolada da América profunda rende ótimas e dramáticas histórias, a exemplo de “Vejo você nos meus sonhos”, sobre um ex-combatente do exército que vive só e tem um fim trágico. Os 40 contos trazem ao leitor uma visão bem pessimista do *american way of life*. Shepard também é dramaturgo, autor de inúmeras peças, além de ter escrito o roteiro de *Paris-Texas*, premiado filme do alemão Wim Wenders.



Reinaldo Moraes ministra oficina de Romance

De 20 a 22 de junho, a Biblioteca Pública do Paraná promove uma oficina de romance, com o escritor Reinaldo Moraes. As inscrições, gratuitas, devem ser feitas até 9 de junho pelo site da Biblioteca ou pelo e-mail oficina@bpp.pr.gov.br. Os interessados devem enviar um breve texto de ficção — de uma lauda. Serão selecionadas 15 pessoas. As aulas acontecem das 14h às 17h. Mais informações (41) 3221-4974. Reinaldo Moraes nasceu em São Paulo, em 1950. Estreou na ficção com *Tanto faz* (1981), livro que narra a vida

de um brasileiro, aspirante a escritor, em Paris. Ao longo dos anos, a obra tornou-se cultuada por leitores de diversas gerações. Principalmente pela linguagem empreendida pelo autor, que conjuga diferentes formas de expressão — da alta literatura às gírias. Moraes ainda publicou a novela *Abacaxi* (1985), o juvenil *A órbita dos caracóis* (2003), os contos de *Umidade* (2005) e o romance *Pornopopéia* (2009), apontado por leitores e críticos como um dos melhores livros brasileiros dos anos 2000.

Fabrício Carpinejar



DA REDAÇÃO

O poeta e cronista Fabrício Carpinejar falou sobre os principais momentos de sua formação de leitor e do seu percurso artístico durante a terceira edição de 2017 do projeto Um Escritor na Biblioteca. Filho de dois poetas, Carlos Nejar e Maria Carpi, ele teve contato com livros durante a infância. No bate-papo mediado pelo jornalista Marcio Renato dos Santos, Carpinejar lembrou que em sua casa havia livros espalhados, até mesmo em cima da cama. “E a gente riscava, sublinhava, rasgava os livros. Isso fez com que eu não tivesse medo de ler”, comentou.

Carpinejar mencionou um episódio decisivo: aos 7 anos, tinha dificuldade para ler e escrever. Um neurologista o diagnosticou com retardo mental. Mas a sua mãe, Maria Carpi, desafiou o diagnóstico e durante três meses ensinou o filho a ler e escrever: “Voltei à escola muito melhor do que os meus colegas”. Desde então, diz ter cultivado a sua solidão — o que foi fundamental para o desenvolvimento do poeta que ele já era e que posteriormente iria se tornar conhecido por meio da produção escrita e performances públicas.

Carpinejar estreou com *As solas do sol* (1998), coletânea de poemas que conquistou o Prêmio Nacional Fernando Pessoa da União Brasileira de Escritores. Já publicou mais de 40 títulos, como o infantojuvenil *Filhote de cruz credo* (2006) — vencedor do Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) —, livros de crônicas, entre eles *Canalha* (2008) — que conquistou o Prêmio Jabuti — e o recém-publicado *Amizade é também amor* e até *Beleza interior* (2012), seleção de reportagens a respeito de cidades gaúchas, conteúdo veiculado originalmente no jornal *Zero Hora*.

Apesar de ser poeta, Carpinejar diz não ter se acomodado com reconhecimento, prêmios e crítica: “Todo mundo espera que tu não mude. Tu vai continuar sendo o mesmo. Na verdade, o que mais gostam de fazer no país é domesticar escritores. Tu tem que ficar num canto e ser encontrado lá. E isso não aconteceu comigo”.

Jornalista, após atuar em jornal, revista e rádio, também se revelou viável na televisão. Entre 2012 e 2016, apresentou o *talk show A máquina*, exibido na *Rede Gazeta*. Atualmente colabora com o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da *Rede Globo*. Durante o encontro na BPP, Carpinejar disse que a exposição televisiva não o tornou famoso — esta e outras questões fazem parte da transcrição do bate-papo que segue nas próximas páginas.

“O papel de escritor é confundir, não é dar certezas. As pessoas têm dificuldade de entender que um escritor é um desobediente civil.”



Filho de escritores

Ter sido — e ainda ser — filho de dois escritores me dá muito orgulho. Em casa nunca houve competição ou algum receio do tipo: “Não vou seguir a profissão dos pais porque vou ficar na sombra deles”. O que tu mais quer é ficar na sombra. É ótima a sombra. E meus pais, eles não tinham uma fiscalização solene com o acervo. Os livros eram pra ser folhados como se fossem jornais, revistas. Eles não diziam “Não mexe nesse livro!”, “Ponha na estante!”, etc. Era uma bagunça. Meu pai tinha uns quatro livros na cama. Devo ter sido gerado numa transa em cima de romances. Porque até hoje meu pai tem livros na cama. E não é na cabeceira, é na cama mesmo. É uma colcha de livros. E a gente riscava, sublinhava, rasgava tudo. E os pais deixavam. Isso fez com que eu não tivesse medo de ler. Ler foi como uma paixão natural, pois não tive nenhuma censura, nenhum autoritarismo que me afastasse dos livros em casa. O livro nunca foi para um museu, sempre foi para as mãos, para a festa das mãos, para a festa dos olhos.

Atrás das estantes

Tínhamos uma grande biblioteca e eu dormia com dois irmãos no mesmo quarto. A Biblioteca era na sala, e não tínhamos onde guardar nossos pertences. E onde nós guardávamos? Atrás dos livros. Cada um escolhia a obra de um autor. Eu escolhi Machado de Assis. Tudo que eu tinha, escondia atrás da obra completa de Machado de Assis. E a minha mãe pensava: “Nossa, como o Fabrício lê Machado de Assis”. E eu não lia Machado de Assis, apenas escondia as minhas coisas lá.

Outras bibliotecas

Eu também frequentava a Biblioteca da escola. Sentia que aquela biblioteca era mais minha do que a biblioteca de

casa. Esse local era uma espécie de anjo vingador para mim, porque eu não lia os livros solicitados pelas professoras. Eu tinha uma espécie de critério, meio de psicopata do livro. Procurava os livros em que a ficha catalográfica estava virgem. Ficava revirando com a bibliotecária para achar os exemplares que nunca tinham sido retirados. Com esse método, li cada coisa. Cheguei a ler coisas sobre Medicina, educação sexual, obras que nunca tinham sido retiradas. Lia só porque nunca tinham sido retirados. Isso não deve ter me feito bem, mas eu tirei a virgindade de muitos livros.

Infância difícil

Quando criança, eu era muito mais estranho do que agora. Hoje sou um estranho conhecido. Imagina não sendo conhecido — eu era um ET. Tinha uma cabeça enorme, pernas finas e usava botas ortopédicas que me faziam cair com frequência. E tinha muita dificuldade para ler e escrever. Em toda aula era passado um ditado, e eu errava grande parte das palavras. A professora falava uma palavra, eu não notava e ela já estava na segunda. Aí a professora pediu para minha mãe me levar ao médico. Então fui a um neurologista. Ele concluiu que eu tinha retardo mental — e vocês estão vendo que eu tenho mesmo. A mãe recebeu uma penca de remédios e fui aconselhado a sair da escola. Ela pegou essa penca de remédios — eu lembro até hoje —, abriu todas as embalagens e, ao invés de me dar, despejou tudo na pia da cozinha. Ela me puxou pela mão e foi até a escola. Interrompeu a aula, e disse algo assim: “Me dá três meses, que o Fabrício volta para a escola”. Minha mãe tirou licença e ficou em casa me ensinando a ler e escrever, manhã, tarde e noite. Fui as férias de minha mãe em 1979. Ao invés de ela ir para a praia ou qualquer lugar, tirou férias para

ensinar o filho a ler e escrever. Depois de três meses, voltei à escola muito melhor do que os meus colegas.

Poeta precoce

Aos 7 anos eu já era poeta. Sempre tive uma distração excessiva. Imagine, sou filho de dois poetas, então em casa o idioma era metáfora. A gente falava por metáforas, por figuras de linguagem. Vejo as pessoas falando objetivamente, mas o meu idioma não é esse. Fui criado em outro ambiente. E sempre fui um filho do porão, um filho da árvore. Tem crianças que têm bichos de estimação, eu tinha uma árvore. Uma ameixeira, vivia nela, era minha e nenhum outro irmão podia subir nela. Era onde me escondia para chorar, quando estava com raiva, etc. Isso é uma distração poética.

Então sempre fui esquisito. E a esquisitice é um dom poético.

Potes de poesia

Acho que tive tempo para adubar minha solidão, que não adoceceu por falta de contato, por falta de comunicação. Eu conversava muito comigo mesmo. Lembro que meus pais pediam para que eu gritasse longe de casa. Então ia para o porão e lá havia uma série de vidros e potes da minha vó, onde ela guarda o doce de figo que fazia. Todos os potes tinham um rótulo e uma renda na tampa. E a tampa é uma janela. Aí eu tive a seguinte ideia, de gritar dentro do pote. E fechar. Então não gritava dentro de casa, berrava dentro do pote quando estava bravo e o fechava. Depois eu colocava a data de fabricação e o motivo do

grito. Tenho vários potes com os meus gritos da infância, mas tenho medo de abri-los. Isso é uma atitude poética.

As solas do sol

O meu primeiro livro de poemas é uma consequência de minha alucinação poética. Publiquei com 25 anos, mas poderia ter publicado com 40 ou com 50 anos, ia acontecer de qualquer jeito. A poesia escrita vai ser uma fatalidade da poesia oral. Toda minha família cursou Direito. O Rodrigo é promotor, a Carla é promotora e o Miguel é juiz. Meu pai é procurador aposentado e a minha mãe é defensora pública. Aí, lá em casa todos praticavam *bullying* comigo: “Ah, tu vai fazer Direito”. E aí eu não fiz Direito. Escolhi Jornalismo. E ainda debochei deles: “Ainda vou receber mais que todos vocês”.





“Poema é transe, obsessão.
 É como se fossem surtos da minha personalidade.
 Fico realmente pensando nos poemas.”

Passear com a dor

Sempre fui um contador de histórias, mas poesia não é contação de histórias e sim uma overdose do que somos, do que sentimos e do que queremos. Tanto que é muito difícil tu ler um bom livro de poemas de cabo a rabo. Tu fica tonto. O livro de poemas é pra ler um, dois, três textos e sair para organizar e passear com a tua dor.

Trajectoria incomum

Na hora que tu é poeta e tem reconhecimento, prêmios e crítica, todo mundo espera que tu não mude. Tu vai continuar sendo o mesmo. Na verdade, o que mais gostam de fazer no país é domesticar escritores. Tu tem que ficar num canto e ser encontrado lá. E isso não aconteceu comigo. Porque depois da poesia veio a crônica, a exposição pública e a presença nas redes sociais. O papel de escritor é confundir, não é dar certezas. As pessoas têm dificuldade de entender que um escritor é um desobediente civil.

Caixa de sapatos

Em 2003, organizei uma seleção dos meus quatro primeiros livros de poemas, *As solas do sol* (1998), *Um terço de pássaros ao sul* (2000), *Terceira sede* (2001) e *Biografia de uma árvore* (2002). *Caixa de sapatos* não é uma antologia, mas um livro a partir dos meus livros. Como seria fazer uma caixa de sapato dos meus livros? Foi a partir dessa ideia que surgiu *Caixa de sapatos*.

Transe

Poema é transe, obsessão. É como se fossem surtos da minha personalidade. Fico realmente pensando nos poemas. Não anoto. Tento memorizá-los. Memorizo todo o livro antes de escrever os poemas.

Cronista

Um dia, pensei no seguinte: “Nossa, posso ser um traficante!”. Posso articular poesia por meio da crônica. Posso traficar lirismo para pessoas que não leem poesia. Posso contrabandear histórias poéticas a quem nunca pensava, um dia, folhear um livro de poesia. Porque a crônica não é arrogante, nem soberba. O poeta se sente melhor que os outros, mais inspirado que os outros. O cronista não.

Bloco de notas

Escrevo absolutamente tudo no celular. Anoto ideias num arquivo e vou trabalhando as questões que vão se tornar as minhas crônicas. Por exemplo, faço uma anotação: fim de um ciclo não é o final do amor. Afinal, a gente pode achar que terminou um amor, mas na verdade só terminou um ciclo. Outro exemplo: o que é a amizade no WhatsApp? Você pode manter um amigo no WhatsApp só respondendo valeu, legal e show após cada postagem. É possível passar anos só falando isso que o amigo do WhatsApp vai continuar ativo. Mas amigo de verdade é diferente.

Amizade é também amor

Vivemos tempos líquidos, de romances líquidos. É muito fácil começar uma relação, terminar uma relação. Hoje as pessoas se separam antes de discutir, sem falar com a parte interessada. Porque a outra pessoa não se encaixou, como se o amor fosse um encaixe. Amor é trabalho, é superação. Então, a amizade talvez seja a fortaleza. O amigo não vai sofrer da exclusividade e da possessividade do amor.

Além disso, posso completar os meus amigos entre si. Posso ter um grande amigo, um mais equilibrado, outro mais louco, etc. Os meus amigos se completam. Mas os amigos de verdade não são os amigos do Facebook. Amigo é aquele que vai telefonar. E esses são poucos, pouquíssimos. São aqueles que tu precisa escutar a voz. Tem algo que aconteceu contigo que tu só pode contar para determinado amigo, porque só ele vai entender. *Amizade é também amor* é um livro que fala justamente disso, dessas amizades amorosas.

Beleza interior

Amo o Rio Grande do Sul, inclusive tenho um mapa de Porto Alegre tatuado nas costas. Uma das minhas crises pessoais é que hoje sou casado com uma mineira que está tentando me levar para Belo Horizonte. Mas, no caso do projeto *Beleza interior*, queria conhecer o Rio Grande do Sul. Então, elaborei uma série de reportagens poéticas que foram inicialmente publicadas todo sábado no jornal *Zero Hora*. Tentava descobrir cidades pouco conhecidas com personagens ou um enredo fantástico. Assim, eu fui para Lagoa dos Três Cantos, situada a 277 quilômetros de Porto Alegre e que ficou conhecida em 2001 como a cidade mais obesa do Brasil. Cerca de 60% dos moradores estavam acima do peso e fugiam da balança. Toda cidade tentou emagrecer. Os moradores fizeram um regime coletivo, com tabela do que podia comer e o que deveria ser evitado. Fui lá porque os moradores de Lagoa dos Três Cantos emagreceram e, depois, engordaram de novo. Eu tentei descobrir o motivo. Eram as cucas do italiano Ivaldo Fioravante Borghetti. Lá, ninguém resistia às massas caseiras, recheadas de morango, framboesa, uva, tangerina, coco, chocolate e doce de leite. E, a exemplo de Lagoa dos Três Cantos, viajei para outras cidades. Posteriormente, reuni o conteúdo em livro.

Filhote de cruz-credo

Publicado em 2006, foi um dos primeiros livros a tratar abertamente do *bullying* no Brasil. Naquele período, o tema não era discutido. A obra conquistou o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte (APCA) na categoria infantojuvenil, foi adotado pelo governo do Rio Grande do Sul e usado num projeto de combate ao *bullying*.

Novela ou romance?

Não vou escrever novela nem romance. Sou poeta e cronista e já estou satisfeito com isso.

Efeito da TV

O fato de ter apresentado o *talk show A máquina*, exibido na *Rede Gazeta* entre 2012 e 2016 e agora colaborar

com o programa *Encontro com Fátima Bernardes*, da *Rede Globo*, não me tornou famoso. Quando penso que sou conhecido, encontro um sujeito que diz: “E aí, Maurício Carpinejar, tá tudo bem?”. Respondo: “Tá ótimo”. A fama é uma projeção, é provisória, fugaz. Tenho filhos e eles me devolvem pro meu devido lugar. Nunca fico de salto alto, se bem que tenho um sapato que lembra muito um salto. É uma bota argentina. Um dia desses, meu vizinho bateu lá em casa e, constrangedoramente, pediu pra mim: “Bah, tu pode pedir pra tua mulher parar de usar salto? Porque não consigo dormir e ela fica de um lado para o outro andando de salto”. Olhei pra ele e disse: “Não é minha mulher, sou eu. É a minha bota de salto”. Daí, fiquei imaginando que ele deve ter

fantasiado algo com minha mulher, mas na verdade quem fazia o barulho era eu.

Solidão

Diferentemente do meu pai, Carlos Nejar, que diz escrever para vencer a morte, escrevo por outro motivo. Nosso grande tormento é estar sozinho. Todo mundo tem medo da solidão, mais até do que da morte. Muito mais. Imagine envelhecer, depois de ter criado filhos e morrer sozinho? Tem uma maior crueldade que essa? Eu acho que não. E tem mais: só esquecemos de quem não soubemos agradecer. Agradecendo a gente lembra. Agradecer é lembrar. E agradecer é somente pra quem tem coragem. É mais difícil agradecer do que perdoar. Agradecer é puro desejo. ■





Mais moderno que os modernos

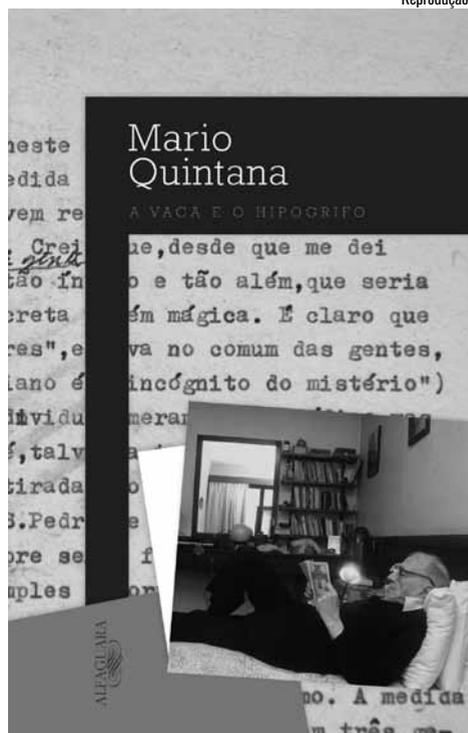
Liane Neves



Publicado há 40 anos,
A vaca e o hipogrifo marca a
 volta de Mario Quintana aos
 poemas inéditos e o momento
 a partir do qual a sua poesia
 passa a ser reconhecida em
 âmbito nacional

MARCIO RENATO DOS SANTOS

Reprodução



Edição recente de *A vaca e o hipogrifo* — a obra de Quintana é publicada pela Alfabeta.

Após a publicação da antologia *Poesias*, em 1962, pela editora Globo de Porto Alegre, Mario Quintana (1906-1994) passou a republicar poemas — ele já contava com seis obras autorais. Os inéditos reaparecem em *A vaca e o hipogrifo* (1977), livro por meio do qual o poeta retoma a sua carreira literária. O professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) Altair Martins comenta que *A vaca e o hipogrifo* reúne um conjunto de textos “mais leves”, deslocado de seu tempo para o nosso. Ele diz admirar, entre outros, o poema “Do estilo”: “Se alguém acha que está escrevendo muito bem, desconfia.../ O crime perfeito não deixa vestígios.”

Para Martins, o texto poético tem a cara dos dias atuais, “quando encurtar parece favorecer a comunicação”. “Na época, Quintana já havia conquistado o poder de ponta de agulha. O livro, maduro como veio, acabou comprovando isso”, completa Martins, também escritor, vencedor dos prêmios São Paulo de Literatura e Moacyr Scliar — o seu romance mais recente é *Terra avulsa* (2014).

A vaca e o hipogrifo traz, a exemplo do texto citado por Altair Martins, outros poemas breves, com “a cara dos dias atuais”, inclusive pelo fato de que eles podem vir a ser postados em redes sociais — alguns deles de fato repercutem no Facebook e no Twitter. Um exemplo é “De leve”: “Será que uma verdadeira sociedade precisa mesmo de cronista social?”. Ou “Lazer”: “Um bom lazer, mesmo, é não assistir a esses cursos sobre lazer”. A ironia e o humor presentes nos poemas já citados se repetem ao longo da obra, como em “Verbe-te”: “Autodidata. — Ignorante por conta própria”. E ainda em “Clarividência”: “O poema é uma bola de cristal. Se ape-

nas enxergares nele o teu nariz, não culpes o mágico.”

A vaca e o hipogrifo também tem poemas longos e, de acordo com a professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Regina Zilberman, o livro marca o momento a partir do qual Quintana passa — de fato — a ser festejado, inclusive em âmbito nacional. Em 1980, ele recebe o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Dois anos depois, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) concede ao poeta o título de Doutor Honoris Causa. Em 1986, é escolhido patrono da Feira do Livro de Porto Alegre.

“Em Porto Alegre, ele assistiu à própria glorificação, guardadas às proporções, como se fosse um Justin Bieber. Mas Quintana tinha humor, ironia e evidentemente inteligência para entender que o sucesso é fugaz”, afirma Regina Zilberman.

Soneto é um barato!

Quintana estreou como poeta em 1940, com o livro *A rua dos cataventos*. Regina Zilberman salienta que o livro não teve ressonância, a não ser em um círculo de escritores e amigos. Naquele contexto, o poeta trabalhava na editora Globo e fazia traduções, entre outros, de Giovanni Papini (*Palavras e sangue*), Fred Masyat (*O navio fantasma*), Alessandro Varaldo (*Gata persa*) e Joseph Conrad (*Lord Jim*) — Quintana ainda iria traduzir, entre outros autores e obras, Guy de Maupassant (*Contos*), Virgínia Woolf (*Mrs. Dalloway*) e Marcel Proust (*A sombra das raparigas em flor* e *O caminho de Guermantes* — ambos da série de sete romances “Em busca do tempo perdido”).

MEMÓRIA LITERÁRIA | MARIO QUINTANA

Eneida Serrano



Mario Quintana transitou com desenvoltura do soneto ao verso livre.

“Ele não inaugura linguagens, ele as desenvolve. Isso não é pouco. Não quer dizer, inclusive, que repita os outros, mas que os atualiza de modo seu, com autoridade de quem sabe o que faz.”

Pedro Marques, professor da Unifesp.

“Ele estreou com sonetos por ter um apreço pelos simbolistas”, explica a professora da UFRGS, acrescentando que Quintana é um dos principais sonetistas brasileiros do século XX: “O Quintana usou o soneto, tido como refinado, para recriar sons da rua e do cotidiano. Qualquer leitor curte um soneto dele.”

O professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) Pedro Marques também é um entusiasta do Quintana sonetista. Para comentar o assunto, o especialista pede para que o segundo poema de *A rua dos Cataventos*, “II”, seja reproduzido na reportagem:

Dorme, ruazinha... É tudo escuro...
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos...

Dorme... Não há ladrões, eu te asseguro...
Nem guardas para acaso persegui-los...
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos...

O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão...
Dorme, ruazinha... Não há nada...

Só os meus passos... Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração...

De acordo com Marques, a versificação do poema “II” repercute como música, não como cárcere. “Os decassílabos correm entre sáficos e heroicos. A leitura flui”, comenta. O soneto, lembra o professor da Unifesp, é das formas líricas mais racionais, sobretudo na maneira de dispor a matéria: exposição maior (primeiro quarteto), específica (segundo quarteto), conclusão (tercetos) e chave de ouro (último verso como arremate). “Nisso, Quintana é clássico. A parte acústica, no entanto, prepara uma festa de assonâncias, aliterações, refrão (‘dorme ruazinha’) e paralelismos. Diminutivos são pedais carregados de infantilização e familiaridade. O contorno musical harmoniza-se à matéria”, analisa.

Lançando mão do carrancudo soneto, na definição de Marques, “bicho papão dos iniciantes”, o poeta planta na forma um estranho acalanto. “Primeiro, embala um ser inanimado: a rua. Segundo, ela é a própria área do medo, do inesperado, do perigo. Ou seja, nina-se a ameaça e não a criança, como esperado”, diz, acrescentando que são as pessoas quem põem em risco a rua (ladrões e guarda).

Já o poeta, pondera o pesquisador, trata a rua como ente querido: “Feita parente, diz que a visitará como ‘futura assombração.’” Para

Marques, a rua — enfim — lida bem com o sobrenatural criado pelos adultos para assustar a meninada: “Recriar a musicalidade da métrica tradicional é um dos gestos modernistas. Ou seja, a renovação ocorre por fora, com o verso livre, mas também por dentro.”

Dom de estilo

No texto de apresentação de *Apontamentos de história sobrenatural* (1976), livro que reúne poemas publicados anteriormente, Quintana afirma: “O fato é que nunca evolui. Fui sempre eu mesmo.” Apesar de a frase sugerir uma brincadeira, não poucas vezes da crítica levaram o enunciado a sério — com uma conotação negativa. Altair Martins reconhece que Quintana sempre foi o mesmo. “Mas ele evoluiu, com certeza”, completa.

O professor da PUCRS observa que Quintana surge com os sonetos de *A rua dos Cataventos* (1940), segue com *Canções* (1946), “o livro de que menos gosto, musical mas enjoativo” e, em 1948, publica *Sapato florido* — “uma imagem que já estava num dos sonetos do primeiro livro”. “Neste livro (*Sapato florido*), os poemas ficam curtos, e ele passa a explorar o que a liberdade lhe permite — epigramas, haicais, poemas em prosa. Ele foi o mesmo, mas soube descobrir-se de formas diversas. Olhe o livro *Velório sem defunto* (1990) e perceba os poemas deitados na horizontal, como mortos. É espetacular!”, comenta Martins.

O professor do Centro Universitário de Belo Horizonte (UniBH) Leo Cunha tem a convicção de que a maioria dos autores se repetem — e não apenas Mario Quintana. Cunha cita Manoel de Barros: “Repetir repetir — até ficar diferente./ Repetir é um dom do estilo.” “A exemplo do que o poema de Barros sugere, em Mario Quintana a repetição é um recurso de estilo. Mais que repetir, ele retoma e recria as ideias em torno dos mesmos temas, cada vez com uma luz bem diferente”, analisa.

Dialogando com a argumentação de Leo Cunha, Pedro Marques diz que todo escritor, visto muito de perto, é repetitivo — até quando a sua sede por inovação se faz constante e acaba deixando de surpreender, uma vez que o leitor passa a antecipar os rumos da obra. “A crítica brasileira tendeu a valorizar rupturas e não continuidades. Hoje, os estudos literários já sabem lidar melhor com o valor de ambas”, observa o professor da Unifesp.

Para Marques, Quintana é um excelente continuador de tradições, de poetas anteriores e contemporâneos. “Ele não inaugura linguagens, ele as desenvolve. Isso não é pouco. Não quer dizer, inclusive, que repita os outros, mas que os atualiza ao seu modo, com autoridade de quem sabe o que faz”, afirma.

Altair Martins lembra que, além das repetição, a crítica aponta como fragilidade na obra de Quintana certa indiferença às questões político-sociais. “Acusado de ausentar-se do social, o

Esconderijos do tempo

Ainda não foi escrita uma biografia do Mario Quintana. A professora da UFRGS Regina Zilberman afirma que o legado do poeta está por ser mapeado. Ele nasce em Alegrete (RS) no dia 30 de julho de 1906. Termina os estudos no Colégio Militar de Porto Alegre e, aos 18 anos, começa a trabalhar na Livraria do Globo.

Perde a mãe, Virgínia, em 1926 e, no ano seguinte, o seu pai, Celso de Oliveira Quintana, morre. Trabalha como tradutor assalariado na Editora Globo. Estreia como poeta em 1940 com *A rua dos cataventos*, livro de sonetos publicado pela empresa onde atua.

Em 1943, inicia a publicação de *Do caderno H* na Revista Província de São Pedro — dez anos depois se transfere para o jornal Correio do Povo. Em 1973, publica o livro *Caderno H*, reunindo textos veiculados na imprensa. O professor da PUCRS e escritor Altair Martins observa que a poesia de Quintana flerta com a crônica, “o que a torna poderosamente comunicável”.

Martins não deixa de afirmar que Quintana viveu como poeta e precisava sobreviver como ser humano. “Por isso as dificuldades financeiras (precisou de auxílio, sobretudo da sobrinha Helena), porque — a rigor — ‘não trabalhou’ senão como tradutor e colunista de jornal. Isso gerou algo politicamente importante: de que vivem os poetas? Vivem dos leitores, da memória que conquistam”, comenta o pesquisador da PUCRS.

Quintana recebe homenagens, entre as quais o título de Cidadão Honorário de Porto Alegre (1967), uma placa de bronze (em Alegrete no ano de 1968) em que estão inscritas palavras do autor: “Um engano em bronze é um engano eterno”.

O Hotel Majestic, onde o poeta viveu entre 1968 a 1980, torna-se em 1983 a Casa de Cultura Mario Quintana.

Publica outros livros, entre eles *Esconderijos do tempo* (1980) e *Velório sem defunto* (1990). Também produz títulos voltados ao público infantojuvenil, como *Pé de pilão* (1975) e *Sapato furado* (1994).

O professor da Unifesp Pedro Marques analisa que, colocando-se como criança ou como adulto saudoso da infância, as vozes poéticas de Quintana conseguem certo olhar inaugural de quem descobre ao enxergar: “Tais vozes, não raro, trazem certo ludismo na língua, experimentando sons como se esquecendo os significados.”

Morre no dia 5 de maio de 1994, com 87 anos, em Porto Alegre, solteiro e sem deixar filhos.

poeta rebateu: o que havia de mais social do que o homem? É, pois, sobre o ser humano, aquele que vai ao mercado, que sofre e que ri, que Quintana escreveu”, argumenta o professor da PUCRS.

Tempo cotidiano

Leo Cunha aponta o tempo como o grande tema dos 16 livros que Quintana publicou, incluindo ainda o póstumo *Água: os últimos textos de Mario Quintana* (2001). O tempo, enfatiza o professor do UniBH, que inclui questões como envelhecimento, saudade, infância, pressa e preguiça. Cunha acrescenta que o fazer poético também está presente no legado do autor gaúcho.

Altair Martins também ressalta que Quintana foi um poeta obcecado pela própria poesia, “pela mística que as palavras nos proporcionam de nos permitir ver o que só a linguagem mostra”. Mas, continua o professor da PUCRS, Quintana também foi o poeta do cotidiano e, por causa disso, era andari-lho. “Costumava colecionar cenas, frases, de longos passeios, sobretudo a pé. Daí emerge seu paradoxo de manusear a ironia e a ternura. Sempre foi visto pela crítica como um poeta voltado para as questões da subjetividade”, afirma Martins, sem deixar de apontar que, junto com Manuel Bandeira, Quintana foi um dos poetas que mais soube eliminar o equívoco entre poesia e povo.

Pedro Marques apresenta poemas de Quintana aos seus alunos da Unifesp, principalmente quando é necessário conhecer o panorama literário do século XX. De acordo com o professor, os estudantes gostam dos textos poéticos do autor. “Sobretudo porque

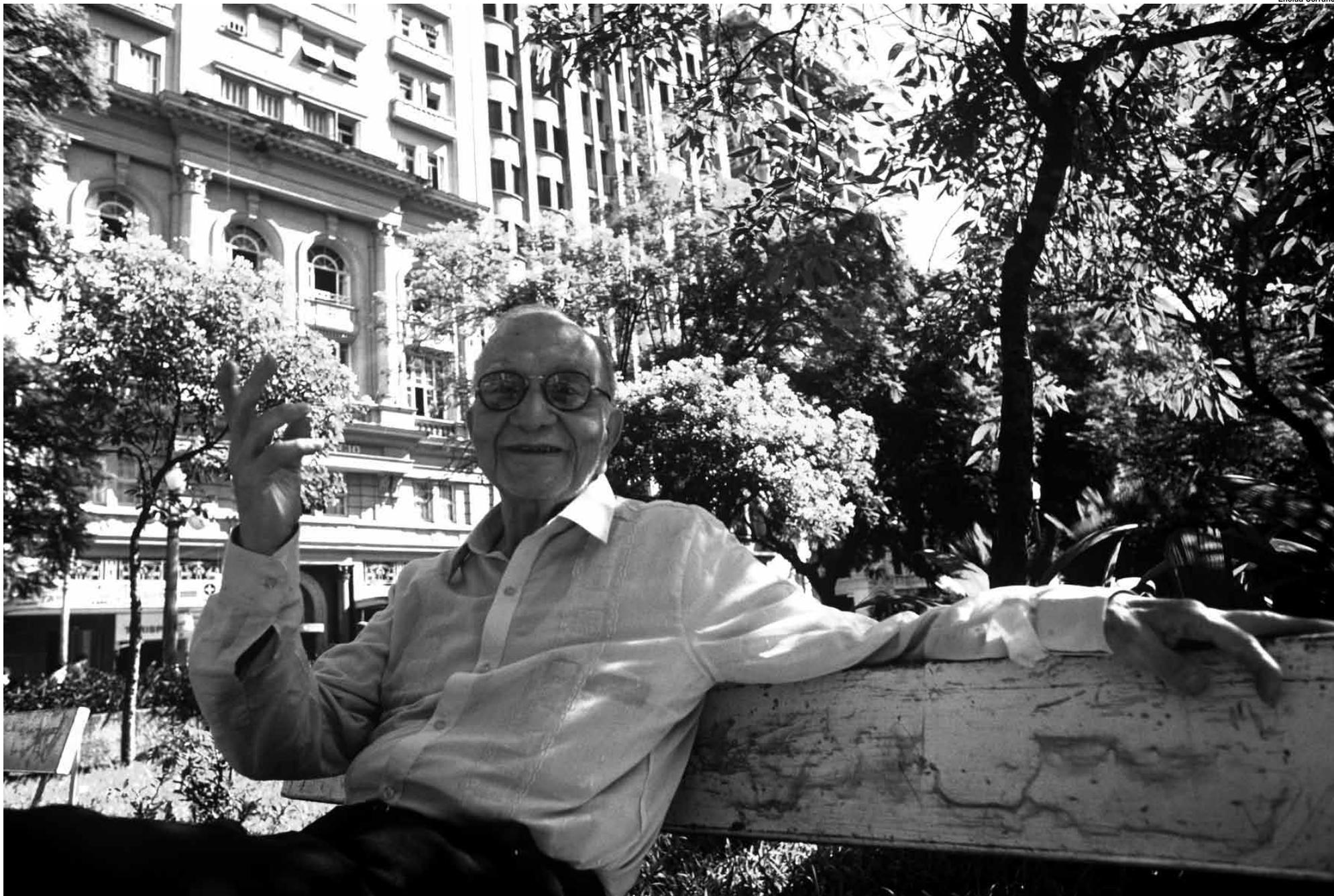
não os coajo a hierarquizar os poetas em ‘grupos de elite’ ou ‘grupos de acesso’ do modernismos brasileiro”, comenta. Marques conta que a poesia de Quintana mobiliza os alunos, menos ou mais até do que a dos autores que a crítica tradicional impõe como centrais, como Bandeira ou João Cabral de Melo Neto: “São os alunos quem decidem aqueles que mais os tocam.”

A relação de Quintana com o cânone da poesia brasileira não é mero detalhe. “Sempre há um nariz torto a exigir do Quintana que ele fosse Carlos Drummond de Andrade ou que tivesse alguma coisa do João Cabral de Melo Neto. Mas Quintana é único e natural”, analisa Altair Martins. Para ele, talvez a naturalidade e a espontaneidade da poesia do autor sejam alguns dos fatores conquistam leitores até hoje. “É estranho: o que Quintana ajudou a construir — essa poesia que religa leitor e poema — parece ser justamente o que o barra muitas vezes dos estudos acadêmicos. Mas a poesia dele, sempre ela, é vingadora: bate para entrar por várias portas”, analisa.

Regina Zilberman comenta que, principalmente no Rio Grande do Sul, há uma admiração pela obra de Quintana que beira a idolatria. Ela tem a impressão de que se fosse realizada uma consulta popular, entre os leitores gaúchos, para saber quem é o autor mais popular, Quintana seria o vencedor. “Por muitos motivos. Ele era mais moderno que os modernos. Estreou com sonetos e, quando quis, escreveu poemas modernistas. Quintana fez poema em prosa com melodia, mas sem rima, como se aquele texto não tivesse cara de poesia”, explica a estudiosa. ■

“Quintana estreou com sonetos e, quando quis, escreveu poemas modernistas. Quintana fez poema em prosa com melodia, mas sem rima, como se aquele texto não tivesse cara de poesia.”

Regina Zilberman, professora da UFRGS.





PERFIL DO LEITOR | JORGE DU PEIXE

Fabio Piva / Red Bull Content Pool



Ideias e possibilidades

Fã de ficção científica e literatura fantástica, o vocalista da Nação Zumbi fala dos livros que fizeram a cabeça dos fundadores do movimento mangue *beat*

OMAR GODDY

“Para cada show que a gente faz em outra cidade, são quatro horas de viagem, sete no hotel e só uma hora e meia em cima do palco. Então sempre estamos lendo alguma coisa”, explica o vocalista da Nação Zumbi, Jorge Du Peixe. Conhecido por escrever letras que evocam imagens, o pernambucano bebe muito na fonte do cinema e dos quadrinhos, mas afirma que a literatura também é uma de suas inspirações — especialmente a de ficção científica.

“Ficção científica é a literatura de ideias, de possibilidades. Hoje vivemos um certo deslumbramento com a tecnologia digital, mas caras como Isaac Asimov, Philip K. Dick e William Gibson

já haviam mostrado, lá atrás, como seria o mundo de hoje”, diz. Ele lembra que começou a se interessar pelo tema ainda na adolescência, quando trocou os gibis de super-heróis pelas HQs adultas publicadas em revistas como *Heavy Metal* e *Animal*. “Dos quadrinhos para os livros, foi um passo natural. Até então, eu só lia o que era indicado pela escola.”

Ainda no colégio, conheceu um clássico que considera marcante em sua formação: *A metamorfose*, de Kafka. “Eu tinha 16, 17 anos e ouvia muito falar desse livro. A forma como ele retrata a condição humana, aquele clima meio grotesco... Me impactou bastante e ainda hoje me fascina”, afirma. O gosto pela ficção científica e pelo universo absurdo de Kafka o empurraram para a literatura fantástica, que também influencia seu trabalho como letrista. O chileno Alejandro Jodorowski (mais famoso por sua obra cinematográfica) e o britânico Neil Gaiman (egresso dos quadrinhos) são seus autores preferidos no gênero.

Outra fase de descobertas literárias aconteceu entre 1986 e 1992, quando Jorge José de Lira (seu nome de batismo) trabalhou no aeroporto do Recife, como funcionário da extinta companhia aérea Vasp. Ele conta que as jornadas eram longas, e muitos dos intervalos foram preenchidos com visitas à livraria do lugar. “Também escrevi muitas letras ali”, diz Du Peixe, que nessa época já fazia parte do grupo fundador do movimento *mangue beat*,

ao lado de figuras como Chico Science (primeiro vocalista da Nação Zumbi, morto em 1997), Fred Zero Quatro (líder da banda Mundo Livre S/A), Renato L (jornalista) e H.d. Mabuse (designer e artista visual).

“Um dos nossos pontos de encontro era a loja Discossauro, onde trocávamos, além de LPs, muitos livros”, conta o músico, hoje com 50 anos. Segundo ele, Mabuse era o mais ligado em literatura, e o colocou em contato com as obras de autores como Raduan Nassar, Rubem Fonseca, Nelson Rodrigues, Voltaire, João Cabral de Melo Neto. Mas nada “bateu” tão forte na turma quanto a *beat generation*. “A prosa espontânea do Jack Kerouac, os *cut ups* do Burroughs... Até o *nonsense* daquela geração influenciou a gente. O próprio *beat* do nome *mangue beat* pode ter vindo daí”, diz.

A literatura regional também foi incorporada pelos “caranguejos com cérebro” — título de um manifesto escrito por Fred Zero Quatro em 1992 e que abriu caminho para o movimento. Especialmente a produção dos cordelistas e do escritor Josué de Castro, autor de livros como *Geografia da fome*, *Geopolítica da fome*, *Sete palmas de terra e um caixão* e *Homens e caranguejos*. “O Chico já fazia essa metáfora da lama do mangue com a fertilidade, do homem com o caranguejo, quando alguém perguntou se ele conhecia a obra do Josué de Castro. Ou seja: ele conheceu mais tarde, mas se identificou e

acabou abraçando aqueles conceitos”, explica.

Entre os contemporâneos, ele cita os brasileiros Luiz Ruffato e João Paulo Cuenca e ainda destaca *Linha M*, mais recente livro da cantora e poeta norte-americana Patti Smith. Lançada em 2015 nos Estados Unidos, a obra traz crônicas e ensaios enxutos, escritos pela artista em cafés de várias cidades do mundo. “São fragmentos sem ordem, em que ela discorre sobre muitos assuntos, mas de uma riqueza filosófica impressionante”, define. “Esse tipo de texto mais curto me agrada. Se eu escrevesse um livro, acho que seria assim. Já recebi um convite para publicar as letras da Nação com algumas ilustrações que faço, mas o projeto acabou não indo para frente”, completa.

Quanto ao momento da Nação Zumbi, Du Peixe conta que a banda acaba de encerrar a turnê comemorativa dos 20 anos do disco *Afrociberdelia* e se prepara para lançar um novo registro, só com versões para músicas de seus ídolos (Roberto Carlos, Gilberto Gil, Prince, David Bowie). O grupo também ensaia para se apresentar na próxima edição do Rock in Rio, em setembro, ao lado de Ney Matogrosso.

Antes de terminar a conversa, ele lembra, no susto, de um último “predileto da casa”. “Quase esqueci do [Julio] Cortázar! *O jogo da amarelinha* é muito importante para mim. Pela sutileza, pela identidade única. Eu não poderia dar essa entrevista e não falar desse livro.” ■

FLOR DO DESERTO

a flor do deserto
sob areia escaldante

aguarda impaciente
ser colhida

quem localizará
este jardim impossível?

quem meterá as mãos
no seio do inferno

para colher
precioso poema?

ENTREVISTA

diga lá, meu velho,
como é ser você?

ser noite ser dia
ser prosa poesia

ruído harmonia?
peça de fantasia?

pedaço de vidro
espelha o que vê

vamos, diga lá,
como é ser você?

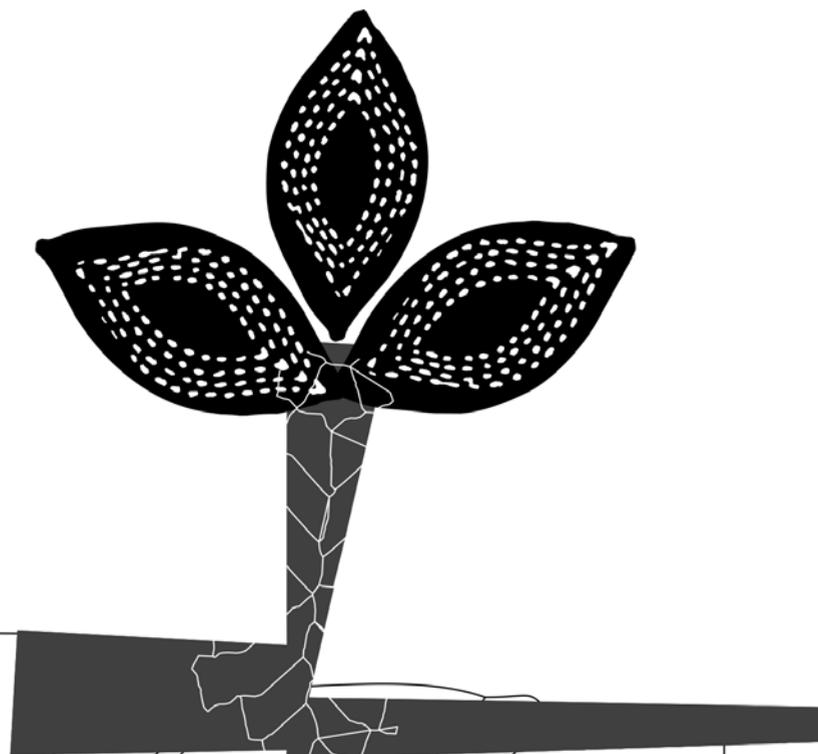
HOMEM BOM

queria ser homem bom
compreensivo
companheiro sensível

do tipo que ao andasse
um ou outro apontasse
lá vai um homem bom

mas deus, se é que existe,
não me fez santo nem anjo
me fez à semelhança

de ser homem
na esperança
de ser bom



BREVE

não tem essa de pressa agora
pode-se passar dessa pra melhor
e deixar o pior por fazer

o rio banha o peixe
o céu levita a asa
o que passa
não disfarça

mostra a face
e o rosto da faca
num corte seco e rápido
pondo pano final ao teatro

tudo o que aqui acontece
pouco depois desaparece
na fração de beijo celeste

e quando brilha uma estrela
nasce o que é para ser nato
fenece o que é para ser finito

indo da fonte à correnteza
e desta ao fim com a certeza
que o mais breve dos dias
foi o mais intenso de uma vida

A UVA

tome a uva vasculhe-a

ouça o seu sussurro
o que ela quer? deseja?

(vinho ou sobremesa?)

deixe-a à mercê dos lábios
não lhes permita que intumescam
na voracidade para devorá-la

recomponha-se enamore-se
traga-a entre os dentes
toque-a mordisque-a

umedece-a, primeiro, com a saliva
depois com a lágrima insana

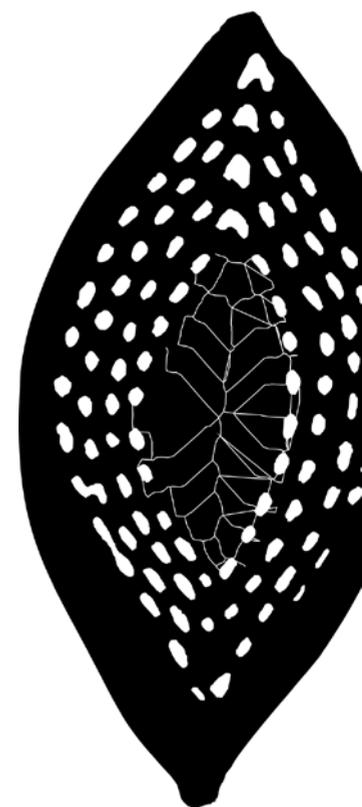
que a tudo corrói e
consome na explosão

que não cabe no corpo
sim no abrigo da uva

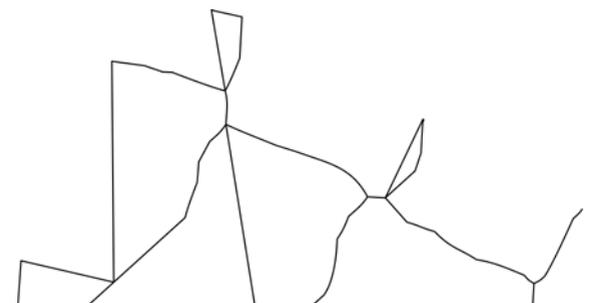
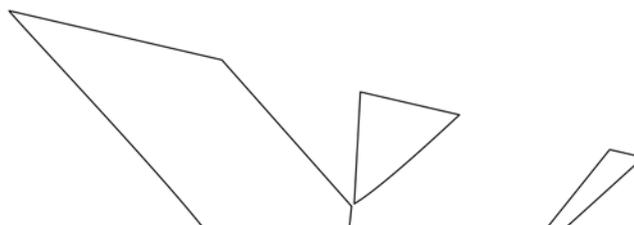
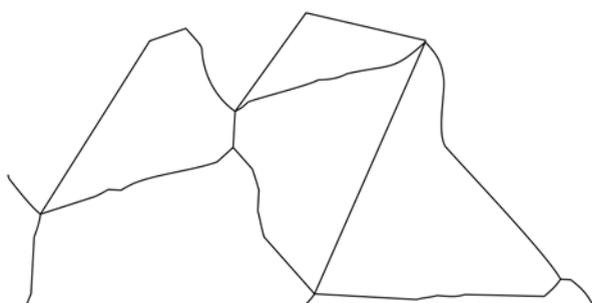
para transformar o que era uva
em sumo

e do sumo o gozo do universo
na derradeira herança

de uma videira
ou de uma vida inteira

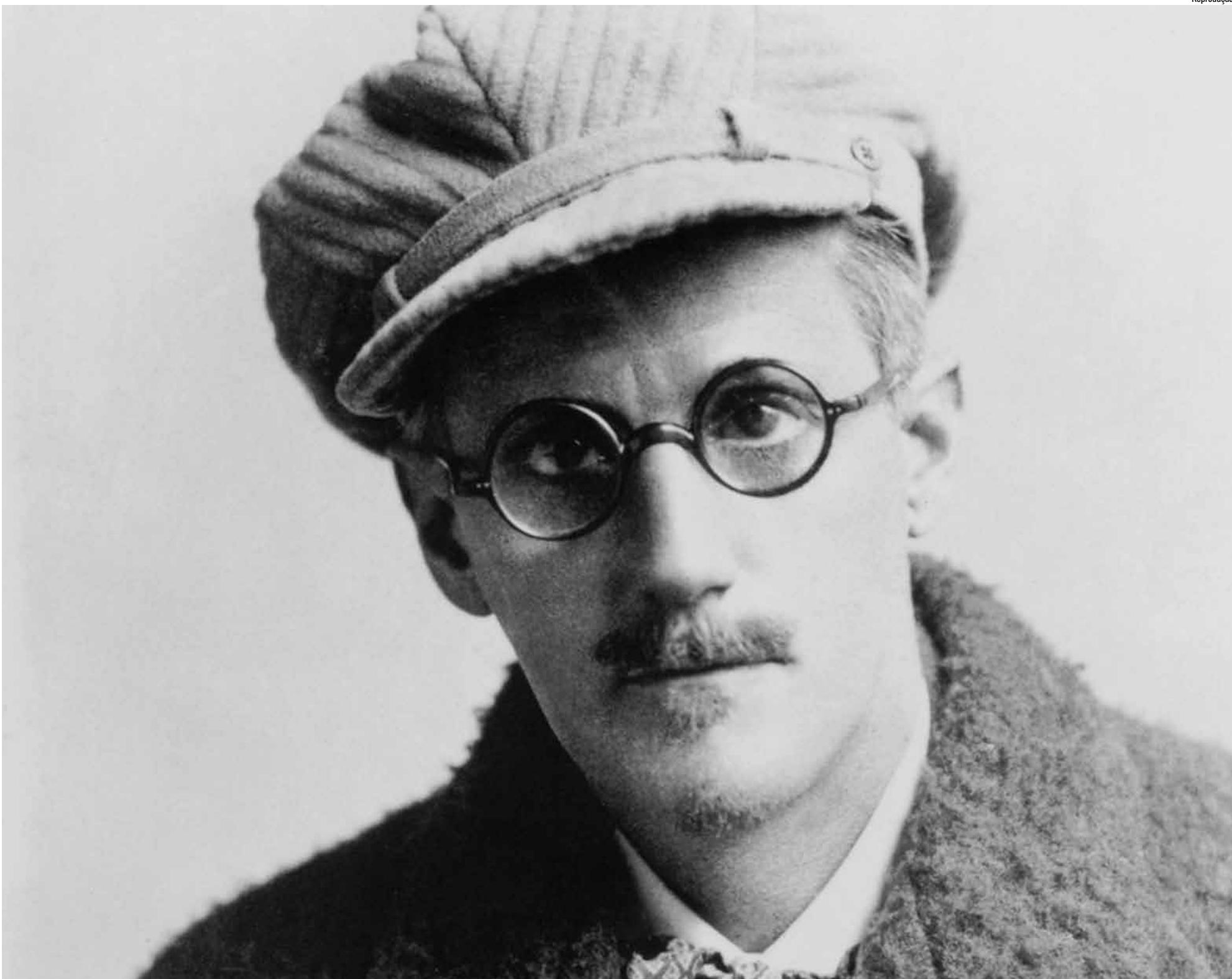


 **Marco Aurélio Cremasco** nasceu em Guaraci (PR) e reside em Campinas (SP). É autor das coletâneas de poemas *Vampisales*, *Viola caipira*, *A criação* (Prêmio Xerox - Livro Aberto), *From Indiana* e *As coisas de João Flores*, do livro de contos *Histórias prováveis* e dos romances *Santo Reis da Luz Divina* (Prêmio Sesc de Literatura e finalista do Jabuti) e *Guayrá*.



O maior feriado literário do mundo

Reprodução



DA REDAÇÃO

Entre os muitos feitos de James Joyce, um transcendeu à própria literatura do autor. O Bloomsday — dia 16 de junho, data em que se passa o romance *Ulysses* — tornou-se uma efeméride literária de dimensão mundial. Nem mesmo *Dom Quixote*, livro que povoa o imaginário de leitores há séculos, conseguiu esse feito.

A jornada de Leopold Bloom ao longo de 16 horas, narrada no livro, é celebrada em diversas partes do globo com leituras públicas, saraus e, em vários lugares, muita cerveja. Simbolicamente, o Dia de Bloom começou em 1924, quando amigos ofereceram uma festa a Joyce, que estava com problemas de visão e vivia em dificuldade. Em 1954, a festa passou a ser regular em Dublin, com fãs se reunindo para beber e celebrar.

Mesmo não sendo uma leitura de fácil assimilação, o livro se tornou um mito — e parte dessa mitologia, claro, está ligada justamente às dificuldades estilísticas criadas por Joyce para narrar coisas banais que acontecem na vida de um homem comum.

Joyce se apropria da estrutura da *Odisseia*, de Homero, para mostrar como cada vida é tão heroica ou ordinária como o mito de Ulysses. O enredo de quase mil páginas acompanha diversas atividades de Leopold Bloom, um judeu de meia idade que trabalha como vendedor de anúncios publicitários em Dublin e é casado com uma mulher infiel, a senhora Molly.

Bloom, também chamado de Poldy, acorda, toma café, vai ao trabalho, comparece ao enterro do amigo Paddy Dignam, almoça, vai à biblioteca, ouve música em um bordel e volta para casa

às 3 da manhã. O que poderia ser um roteiro enfadonho para um escritor comum, nas mãos de Joyce se transforma em um palco para reflexões filosóficas, debates religiosos e de consciência.

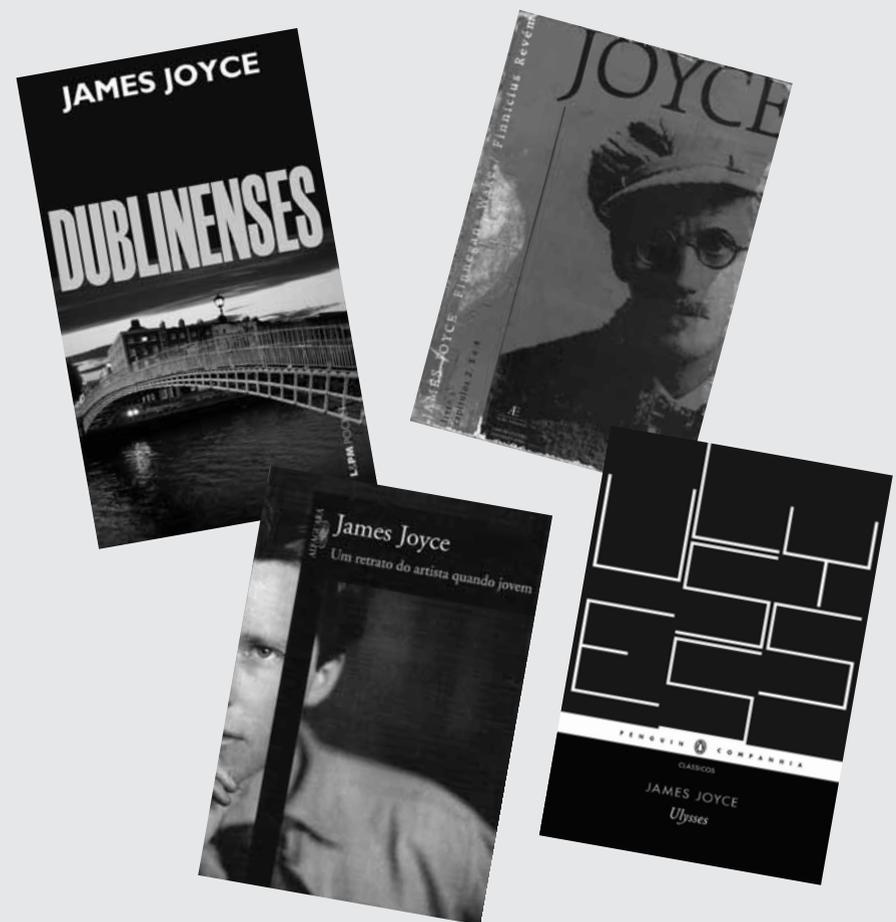
Para isso, o escritor se utilizou de inúmeros recursos narrativos, sendo o mais famoso deles o monólogo interior. Conforme explica o biógrafo Richard Ellmann, “Joyce estivera preparando-se para escrever *Ulysses* desde 1907. O livro ficava cada vez mais ambicioso em seu objetivo e método, e representava uma súbita irrupção de tudo o que ele aprendera como escritor até 1914. Seu uso de muitos estilos era uma extensão do método de *Retrato de um artista quando jovem*”.

Mais do que os acontecimentos e os personagens principais (Bloom, Molly e Dedalus), *Ulysses* compila cerca de 200 incidentes diferentes que se passam ao longo do dia de Bloom e traz uma enormidade de personagens secundários. Muitos deles, assim como os protagonistas, foram extraídos da realidade de Joyce. Essa dualidade entre mito e realidade, permeada por uma narrativa revolucionária, faz de *Ulysses* uma obra ímpar.

A seguir, o **Cândido** homenageia a epopeia moderna de Joyce. A tradutora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) Dirce Waltrick do Amarante faz um relato sobre suas andanças pelo mundo atrás das pegadas de Joyce e seus personagens. E o escritor Caetano Galindo, que verteu *Ulysses* para o português, cria uma ficção em que Leopold Bloom (e seus vários duplos) é flagrado nas ruas de Curitiba. ■

Além de Ulysses

James Augustine Aloysius Joyce nasceu em 2 de fevereiro de 1889, em Dublin, e era o mais velho entre 10 filhos. Foi profundamente influenciado por sua vivência irlandesa, e essa marca povoa toda sua obra. A começar por *Dublinenses* (1914), sua estreia literária. Nessa coletânea de contos, Joyce dissecou a alma irlandesa, mostrando profundo conhecimento das ambiguidades de seu povo. O primeiro romance do autor, *Retrato de um artista quando jovem* (1916), permeado de elementos autobiográficos, conta a história de infância de Stephen Dedalus, alter ego de Joyce. O romance faz uma reconstituição bastante vívida da educação de Joyce e do desejo do protagonista de escapar das convenções políticas e religiosas que abafam sua criatividade artística. Dedalus volta a aparecer em *Ulysses*, dessa vez como um jovem perturbado em busca de uma figura paterna. De difícil gestação, o livro foi publicado em 1922, com ajuda financeira da americana radicada em Paris Sylvia Beach. Ficou proibido de circular nos Estados Unidos e na Inglaterra até 1933 — acusado de ser pornográfico. Nessa época, Joyce já trabalhava no seu romance mais radical, *Finnegans wake* (1939), publicado apenas dois anos antes da morte do escritor, em Zurique, em 1941.





A editora Sylvia Beach e James Joyce, em Paris, nos anos 1930.

Na cola de Joyce

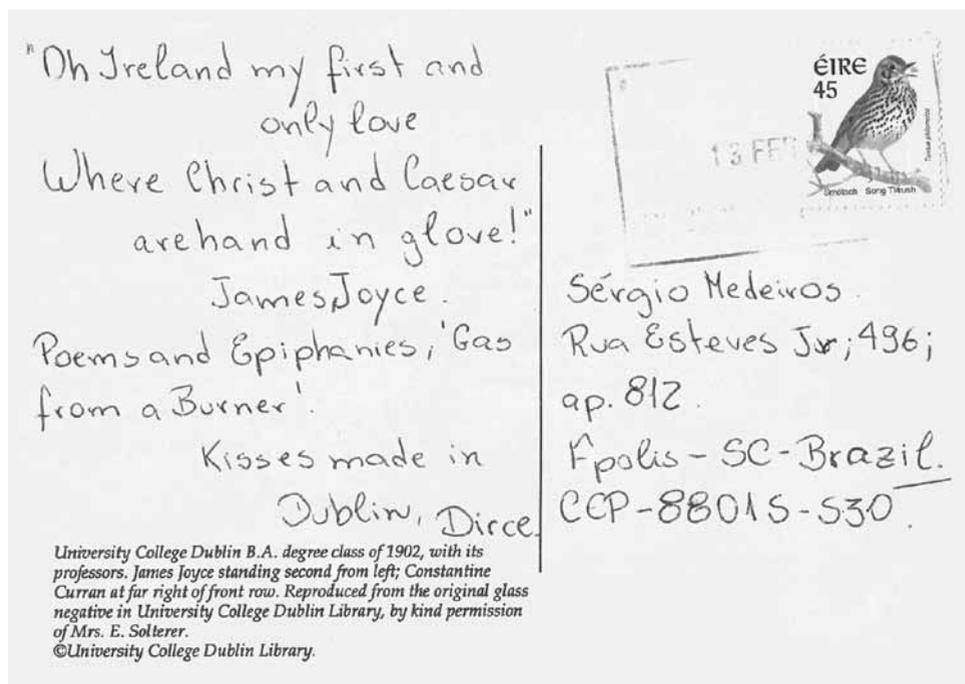
A tradutora e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) **Dirce Waltrick do Amarante** faz um relato sobre os locais que percorreu em busca das pegadas do autor de *Ulysses* e de seus personagens

Nunca passei o Bloomsday em Dublin, mas já visitei a cidade. Já andei por onde andou Bloom, Stephen etc., percorri as localidades do livro como Martello Tower, Trinity School, mas sem o tumulto das pessoas que, no Bloomsday dublinense, se aglomeram nas ruas da cidade em busca de uma epifania joyciana, a visão de algo banal ou cotidiano que modifique o seu modo de ver o mundo. Uma epifania do tipo: “Uma vez ele, Stephen, tinha lavado as mãos no lavatório do Hotel Wicklow, e seu pai tinha puxado a válvula pela corrente, tendo a água começado a descer pelo buraco da pia. E, depois, quando toda a água já tinha descido vagarosamente, o buraco da bacia tinha feito um som que era direitinho essa palavra [...]. Havia dois registros que a gente virava e a água saía logo: quente e fria. [...] vira palavras impressas nas torneiras. Coisa mais esquisita”. Aliás, essa epifania é de *Retrato do artista quando jovem*, de 1916, romance anterior a *Ulysses*, de 1922 (tradução de José Geraldo Vieira). A epifania é central na obra de Joyce.

Particularmente não tive nenhuma epifania em Dublin, mas confesso que os atos banais e escatológicos narrados magicamente por Joyce, em *Ulysses* e em outros escritos seus, mudaram de alguma forma a minha perspectiva do cotidiano; afinal, penso que cada ato meu, por mais trivial que seja, sempre pode dar grande um romance... O problema será atingir a maestria verbal do escritor irlandês. Afinal, afirma Lyotard, a aventura do romance está na língua, na sua proliferação, na sua dispersão e na libertação de seus horizontes.

Na primeira vez que estive em Dublin, no inverno de 2000, conheci, ou achei que conheci, Earwicker, a personagem central de *Finnegans Wake*, Humphrey Chimpden Earwicker, romance que eu lia e do qual me dedicava a traduzir um capítulo, na época, acompanhada por uma professora de Literatura Inglesa, Joanna Parker, em Cambridge, Inglaterra.

Chegando ao aeroporto, peguei um táxi em direção ao hotel. O motorista era *ear weak* ou *weaker* (orelha fraca, ou mais fraca, numa tradução literal), ou seja, ouvia mal, de modo que lhe passei oralmente o endereço de onde iria me hospedar e fui parar em outro endereço. Tentei novamente me comunicar com ele e, quando vi que a minha fala não lhe fazia efeito, escrevi o



Uma lembrança da terra de Joyce enviada pela tradutora Dirce Waltrick ao marido.

endereço na última página do meu *Finnegans Wake* (livro que me acompanhava por todos os lugares). Mas não deu resultado, ele ouvia e via (talvez tivesse irrite, como James Joyce) o que queria e me deixou diante do Correio Central de Dublin, o que acabou sendo interessante, já que é um dos cenários de *Ulysses* e seria a “casa” de Shem, um carteiro, personagem de *Finnegans Wake*. Diante do prédio do Correio Central, com a minha mala e o livro de Joyce na mão, decidi entrar e mandar um cartão-postal para o Sérgio Medeiros, que ainda não era meu marido e que estava na Califórnia, embora ele quisesse mesmo era estar em Dublin. Aliás, ele faz aniversário no Bloomsday e sempre ganha um bolo azul e branco (as cores da bandeira da Grécia, mas sobretudo uma homenagem ao *Ulysses*)! Esse foi o último cartão-postal que mandei na vida. Mas não foi a última vez que estive em Dublin, embora nunca no Bloomsday! Mas já passamos esse dia em muitos lugares.

Certo ano, passamos o Bloomsday em Londres, onde muitos estudiosos iriam se encontrar para celebrar a data, e resolvemos participar da comemoração, mas não achamos o local do evento, andamos em círculos por horas a fio e nada de encontrar nenhum joycista. Estávamos no lugar errado e na hora errada! Para nos redirmos dessa falha, resolvemos visitar o túmulo de Joyce, em Zurique, mas a viagem ficou para fevereiro.

No túmulo de Joyce

Nevava bastante naquele fevereiro em Zurique, especialmente lá em cima, no cemitério onde está enterrado Joyce, que fica no alto de uma montanha. Entramos no cemitério sem nenhuma indicação de onde estava o seu túmulo. Perambulamos pelas ruas estreitas com lápides cobertas de neve dos dois lados, parecia que estávamos no enterro do pobre Paddy Dignam, embora em Zurique e no inverno. Aliás, a neve “amontoava-se nas cruces tortas e nas lápides, nas hastes do pequeno portão, nos espinhos estéreis” (“Os mortos”, tradução de Hamilton Trevisan), como no cemitério onde está enterrado Michael Furey. Passávamos as mãos nas lápides para conferir o nome do morto. De repente, encontramos o túmulo do Elias Canetti, ele tinha ganhado o Nobel... Joyce não... O Nobel é mesmo um prêmio muito estranho. Nessa altura, já estávamos cansados e com frio, as luvas molhadas de esfregá-las na neve que cobria as lápides.

Meu filho, Bruno Napoleão, que queria ir embora e decidiu que não daria mais um passo, pulou num monte de neve para se sentar e, para a nossa surpresa, revelou-se, por trás da neve onde ele havia se sentado, a estátua de James Joyce, justo ali, perto de Elias Canetti. Bruno Napoleão pôs um chapéu na estátua de Joyce e fez algumas esculturas ao lado dela. Nós o observamos, conversamos um pouco com o escritor irlandês, tiramos fotos e fomos embora. Joyce ficou lá, cercado de bonecos de neve e com um chapéu na cabeça, tudo obra do Bruno Napoleão.

Wake

Acredito não ter saído do tema do Bloomsday, embora não estivesse em Dublin, mas em Zurique, e não tenha achado a comemoração do Bloomsday em Londres.

A obra de Joyce que teria mais afinidade com *Ulysses* é *Finnegans Wake*. Por isso, talvez, seu último romance ganhe lugar especial nas celebrações do dia 16 de junho. Se *Ulysses* é o romance do dia, *Wake* é a sua versão noturna. Lembro ainda que seu romance noturno tem uma estrutura circular, a última frase do livro remete à primeira e, numa explosão, tudo reinicia, quase como o Bloomsday que se repete todos os anos numa explosão de entusiasmo dos amantes da literatura joyciana.

A propósito da carta que Joyce enviou para Harriet Weaver (sua mecenas), em que ele contava sobre o primeiro Bloomsday, o escritor, logo após mencionar que era capaz de falar com lucidez sobre *Ulysses*, admite: “Se por acaso agora tento explicar às pessoas o que supostamente estou escrevendo, eu vejo o assombro reduzi-las

ao silêncio”. O que ele escrevia era *Finnegans Wake*.

A assombrosa prosa/poesia de Joyce tem sido vista como o sonho de Molly Bloom ou de Leopold Bloom. Diria que me parece mais um sonho feminino: depois de Molly ter passado o dia na cama, depois de seu longo monólogo final, ela parece adormecer e começar e sonhar e no seu sonho ela é Anna Livia, a protagonista de *Wake*.

Assim termina o monólogo de Molly Bloom, na tradução de Bernardina Pinheiro, já que estamos falando de uma voz feminina: “[...] sim e então ele me pediu se eu queria sim dizer sim minha flor da montanha e primeiro eu pus meus braços à sua volta sim e o arrastei para baixo sobre mim para que ele pudesse sentir meus seios todos perfume sim e seu coração disparou como louco e sim eu disse sim eu quero Sim”.

Agora, ofereço o início do monólogo de Anna Livia, na minha tradução, personagem de *Wake*, a versão noturna da senhora Bloom: “Poderia te guiar por aí e eu serena do seu lado na cama. Vamos lá pelo conducto pra Dunamarca, nous? Nenhuma alma mas nós sós”.

E prossegue Anna Livia:

“Podemos nos sentar no benn urzado, eu e você, em innconsciência calma. Pra escandir e se surgir. Fora de Drumleck. Foi lá em Évora disse que eu tive o melhor. Se um dia tive mesmo. Quando a lua lamentosa se pôs e se perdeu. Sobre Glinaduna. Alone a luna. Nós, nossas almas a sós. Nas bandas do salvoceânico. [623]

Num desses belos dias, apartador orbsceno, você deve se restourar uma vez mais. [624]

Se eu perder o fôlego por um minuto

ou dois não fale, recorde! Uma vez isso já aconteceu, então pode de novo. [625]

A invisão da Irlândia. E, por Thorror, você a viu! Meus lábios ficaram lívidos da alegria do temor. Quase como agora. Como? Como você disse como você me daria as chaves do coração. E nós estaríamos casados até que o norte no céu pare. Mas você tá mudando, escolta, você está mudando a partir de mim, posso sentir. Ou isso é em mim é? Estou ficando embaralhada. Clareando [626] por cima e arroxando por baixo. Sim, você tá mudando, filhesposo, e está girando, posso te sentir, para uma filhesposa das colinas de novo. Imlamaya. E ela tá chegando. Nandando no meu ultimato. Não vá partir! Sejam felizes, meus queridos. Posso até tar enganada! Pois ela será doce pra você como eu fui doce quando eu vim da minha mãe. Fiz o meu melhor quando me deixaram. Pensando sempre que se eu vou todos vão. Mil cuidados, um décimo de problemas e tem quem mentenda? Toda minha vida eu vivi entre eles mas agora eles estão se tornando avessos a mim. E eu vou detestanto seus embustizinhos acalorados. Vocês são só uns franzinos. Pra casa. Minha gente não era deste tipo até ondeu alcanço. Soletarimente na minha solidão. Por todos os seus erros. Estou esvaindo. Ó amargo fim! Escapulirei antes deles levantarem. Nunca verão. Nem saberão. Nem sentirão minha falta. E é velho e velho é triste e velho é [627] triste e cansativo eu volto pra você, meu gélido pai, meu gélido e louco pai. Vejo eles se erguerem. Salve-me daquelas terríveis presas! Minhas folhas foram levadas pra longe de mim. Todas. Mas uma inda se agarrara. Vou levá-la comigo. Pra me lembrar de. Lff! Que suave esta manhã, nossa.

“Se Joyce fazia de Dublin o centro do mundo na sua ficção, o Bloomsday traz a Irlanda para perto de nós, todos os anos.”



Homenagem a Joyce em Dublin, cidade presente no imaginário e na obra do autor.

Sim. Me leve junto, popai, como você fazia de cá pra lá na feira de brinquedos! Seu vissee ele caindo sobre mim agora sob as asas abertas como se ele tivesse vindo de Ankangelus, eu afundaria eu apagara sobre seus pés, delicadamente debilmente, só pra lavá-los. Sim, menina. Lá é onde. Primeiro. Você atravessa a relva simlenciosamente para. Shii! Uma gaiivota. Gaiivotas. Longe chamam. Vindo, de longe. Finda aqui. Pra nós então. Finn, de novo! Toma. Sua-vejestu, memore-me! Lavre milhões deti. Sscios. As chaves para. Dadas! Um caminho um só um último um amoroso por onde” [628]

E tudo remeça mais uma vez:

“correorrio, após Adão e Eva, da contornada costa à encurvada enseada, nos leva por um commodius vicus recirculante de volta para Howth Castle e Entornos”. [3]

Dublin e outros lugares

Ulysses, *Wake*, *Dublinenses*, Molly, Anna Livia, Gabriel Conroy, Leopold Bloom são os muitos motivos para festejar Joyce e fazer Dublin espalhar-se mundo afora, num cruzamento de culturas que sempre foi muito valorizado por um exilado, por opção, como James Joyce. Apesar de exilado, a Irlanda sempre o “acompanhou” em suas andanças pela Europa continental.



Reprodução

“A obra de Joyce que teria mais afinidade com *Ulysses* é *Finnegans Wake*. Por isso, talvez, seu último romance ganhe lugar especial nas celebrações do dia 16 de junho. Se *Ulysses* é o romance do dia, *Wake* é a sua versão noturna.”

O escritor costumava dizer que se um dia Dublin desaparecesse, poderia ser reconstruída das páginas de seus livros. Se Joyce fazia de Dublin o centro do mundo na sua ficção, o Bloomsday traz a Irlanda para perto de nós, todos os anos: uma Irlanda imaginária, onírica, literária, mutável e poliglota, onde se falam várias línguas, inclusive o português.

No Bloomsday, conforme se lê em *Ulysses*, certamente mais uma vez “a Irlanda espera que todo homem neste dia cumpra o seu dever”.

O dia 16 de junho não foi escolhido por acaso: foi nessa data que James Joyce saiu pela primeira vez com Nora Barnacle, em 1904, a grande musa do escritor, com quem ele se casaria anos mais tarde. Mas, como afirma Isaiah Sheffer, Joyce também deve ter escolhido esse dia por ele acontecer cinco dias antes do solstício de verão, quando, na latitude de Dublin, a luz do dia dura até tarde da noite.

Sérgio quer passar o Bloomsday de 2018 em Portugal para homenagear a terra de Enrique Flor, personagem português de *Ulysses*, que ele recriou no seu livro Totens, em que discute a música vegetal inventada por Joyce e atribuída ao músico português.

Aliás, iremos passar o Bloomsday deste ano em Dublin! Mando notícias! ■



Reprodução

O autor no ano de publicação de *Ulysses*, em 1922, na França.

Dirce Waltrick do Amarante nasceu e vive em Florianópolis (SC). Formada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), exerceu a advocacia por alguns anos, mas foi capturada pela literatura. É mestre e doutora em Teoria Literária na UFSC. Leciona no Curso de Graduação em Artes Cênicas na UFSC e atua na Pós-Graduação em Estudos da Tradução da mesma Instituição. Tem livros publicados na área de literatura, teatro e ficção. Traduziu, entre outros autores, James Joyce, Eugène Ionesco, Gertrude Stein, Edward Lear. Colabora em jornais e revistas como *O Estado de S.Paulo*, *O Globo* e *Notícias do Dia*.

O SENHOR BLOOM EM CURITIBA



A convite do **Cândido**, o escritor e tradutor **Caetano Galindo** imagina como seria um encontro com Leopold Bloom nas ruas da capital paranaense hoje – 95 anos depois de James Joyce dar vida ao seu personagem mais icônico

1.

Leopoldo Bloom acabou de completar 151 anos de idade. Eu não sei o aniversário dele, mas sei que pela altura da metade do ano essa data já passou.

Seu aniversário na verdade é uma das pouquíssimas coisas que eu não sei a seu respeito. Nem eu nem qualquer dos outros milhares, dezenas, centenas de milhares de indivíduos que o conheceram, que entraram na sua vida e esgaravatarem seu passado, seus hábitos, perversões e versões de vida. Isso desde que James Joyce, no *Ulysses*, resolveu se debruçar com a mais poderosa, mais atenta e mais compassiva das lentes que a literatura já desenvolveu sobre um dia da vida de Bloom.

Um dia de Leopoldo na Dublin de começos do século passado.

Um dia de Leo.

O dia de Poldy.

Bloomsday.

Dezesseis de junho de 1904, quando tanta coisa aconteceu com ele, ainda que nada do que lhe tenha acontecido possa parecer heroico, possa ser inédito, raro, especial ou épico. Seu dia é um dia da vida de um homem quase comum, um dia que é quase uma vida toda de um homem comum. Nascimento, morte, amor, traição, perda... tudo está lá. E nós podemos ver tudo bem de perto. Pelos olhos de Poldy.

Ele, claro, não existe. É um personagem.

Ele, claro, está vivo. É uma pessoa plena, toda, e por isso mesmo tantalizantemente mais inacessível. Nós sabemos tanto dele que ficamos incomodados com o que nos falta. Daí por exemplo eu lembrar, com tanta insistência, que não sei o aniversário dele.

Parece injusto.

Ainda hoje, agora há pouco, eu passei por ele na rua. Passei por todas as dezenas de versões de Bloom que surgem dian-

te dos olhos de um leitor do *Ulysses*, um livro que acima de tudo parece te dizer “veja bem”, “olhe de novo”, “preste atenção”... Veja que esse mundo todo é você, veja que essas pessoas todas são exatamente iguais a você, na mesmíssima medida em que não tem nada a ver com você.

Você não é cada uma delas.

Mas todas são Bloom. Como você. Basta olhar. Basta ouvir.

Naquele livro, no *Ulysses*, o leitor é como que levado pela mão por um narrador que acompanha Bloom de perto (e outras pessoas... e outros... mas são todos Bloom? Cabem todos dentro dele). E é pelos olhos de Bloom que vemos toda a cidade. O mundo todo.

E isso muda tudo.

Porque desse jeito, na verdade foram pelo menos três versões de Poldy que andaram comigo agora há pouco pelo centro de Curitiba.

Uma sou eu mesmo. Que aprendo a me ver, a me examinar, a me sondar como vejo Bloom se sondando. O narrador que acompanha Bloom me ensinando a ser Bloom.

Outra é o meu modo de ver os outros como ele os enxerga. De um jeito mais atento, mais curioso e mais caridoso do que eu normalmente (se estivesse sozinho) poderia ser capaz. Bloom que me acompanha me ensina a ver como Bloom.

E outra ainda é minha tentativa, parecida com a dele, de ver os outros e supor nos outros os mesmos maquinismos que o narrador me permite ver na cabeça de Bloom. O narrador que acompanha Bloom me ensina a ver Blooms.

Por tudo.

Um mundo florido de Poldys.

Isso tudo ainda hoje, agora há pouco, subindo da Marechal pra General Carneiro, acompanhando ruas de nomes bélicos do

novo mundo, nomes marciais e transatlânticos que por isso mesmo deveriam ter tão pouco a ver com o europeu e pacifista Bloom.

Mas era ele. Juro que era ele.

Era ele que andava ali comigo. Eram os seus olhos grandes e negros sob a aba de um chapéu coco preto (ele teve que ir a um velório naquele dia 16, e por isso mesmo passa o resto desses 95 anos desde a publicação do romance andando de preto, mesmo aqui, no sol de uma Curitiba que ao menos hoje decidiu que ainda não é hora de frio), era seu olhar bondoso, bem-humorado e pleno, vivo, sacana, que me fazia ver cada coisa com mais atenção, cada figura de passagem como um leitor. Como outro Bloom.

Era ele na minha memória. Ele no meu cérebro e no meu coração reconfigurados permanentemente depois da (s) leitura (s) daquele livro que é quase mais dele do que de seu “autor”. Era ele diante dos meus olhos e por trás da minha retina.

Era Bloom que eu via e com Bloom que eu conversava.

Era ele que me fazia ser (ou tentar ser) uma pessoa mais inteira simplesmente através da ideia revolucionária de tentar lembrar que as outras pessoas são pessoas inteiras.

Ele, menos gente que imagem, menos persona que personagem... era ele que me fazia abandonar miragens...

2.

Sol. Puxa vida que ninguém podia imaginar hoje cedo que ia fazer um sol desses. Coisa mais improvável. Tudo bem que já estava mais do que na hora. Semaninha mais feia. Ainda bem que eu. Antes de sair de casa. Tem dias que a gente até parece que pensa direito.

Olha. Aquela menina lá a. Como é que chamava ela. Como é que chamava mas ai que eu queria saber. Bonita ainda.

— Oi, seu Leopoldo, tudo bem com o senhor?

Sim, sim, estava tudo uma maravilha com ele. Mas fazia tempo, né? Caramba, ele nem queria pensar quanto tempo que fazia. É. Uma enormidade mesmo. Onde já se viu, não é verdade? E com ela estava tudo direitinho? Tudo correndinho na mais santa?

— Nem te conto! Sabe que a...

Mas será que ela precisava me parar aqui bem embaixo do sol? Tá duro, viu? Uma lua desgraçada! E eu com esse choco-

late na mão. Vergonha de mostrar. Ela sempre tem essa cara de séria. Eu meio que toda vez fico me achando com jeito de criança. De bobão. Mas são bonitos esses olhos. Só parece que eles ficam me varando. Me vendo e me achando ralinho. Vergonha de mostrar que comprei um chocolate desse tamanho. Homem feito e tudo mais. Sempre com vergonha das mulheres. Mas aí se eu deixar assim na mão fechada vai virar é uma maçaroca. Mão quente, coração frio. Deixa ver se consigo escorregar assim pro bolso da jaqueta sem chamar... Sem ela perceber... Tudo bem que ela está falando tanto da tal da filha e da febre e do catarro e tudo que acho que ela nem ia ver mesmo. Se bem que... Se bem que... Mulher vê tudo, meu filho! Enxerga tudo mesmo. Elas parecem de mentira até. Com isso. Mas... E..... deu! Consegui.

— Puxa vida. Mas nem assim melhorou? Lá em casa a gente sempre dava chá de casca de laranjeira pra isso.

É. Ele devia mesmo ser uma figura. Onde já se viu recomendar chá de casca de laranjeira no ano da graça de nosso senhor de 2017? É. Ela tinha toda razão. Melhor levar no ortomolecular. Té parece.

— Mas de um jeito ou de outro eu tenho certeza que mais dia menos dia ela está supimpinha de novo. Criança é forte. Recuperera rápido.

— Credo em cruz, seu Leopoldo. É bom que melhore mesmo. Mais uma noite dessas e eu te juro que viro um farrapo.

Farrapo ela não vira. Bonita. Continua bonita. Tudo bem que essas marquinhos de estofado na bochecha não são a coisa mais sedutora do mundo. Meio assim tipo um chenille. Tudo riscadinha.

— Olha, farrapo você está bem longe de ficar, menina. Mesmo com isso tudo eu posso te garantir que você está linda!

— Seu Leopoldo, o senhor continha um galanteador!

— Só pras mocinhas que merecem, querida.

Tchau. Tchau. Beijinho. Beijinho. Boa moça ela. Boa moça. Meio exagerada. Aquele chenille ali tava na cara que queria dizer que ela estava era cochilando até agorinha no sofá. Quase hora do almoço. Tava na cara. Ehehehe. Tava mesmo.

Upa. Mas olha que é o Caetano descendo ali. Deixa ver se. Ai. Tarde demais. Já me viu. Pior que o problema é pura e simplesmente que ele gosta demais de mim. O sujeito me acha mais

santo que Tolstói. Ou, pior ainda, mais santo do que o Tolstói queria se achar. Dá um trabalho manter a imagem quando eu converso com ele! Lina! Lembrei.

— Oba, seu Léo, beleza por aí?

3.

Leopold Paula Bloom, o homem que não existe, tem 151 anos de idade. O *Ulysses*, o romance sem o qual nenhum outro existiria hoje, tem 95 anos.

E os dois continuam, em mim e pra qualquer leitor que se decida a encarar a nada simples mas extremamente recompensadora tarefa de sua leitura, continuam absolutamente vivos e, mais impressionante, novos.

A cada dia 16 de junho, quando as pessoas param para comemorar mais uma edição do Bloomsday, o livro e seu “herói” mostram de novo a que vieram. E o quanto ainda estamos atrás deles, querendo compreendê-los e, quem sabe um dia, ultrapassá-los. (Será?)

O Bloomsday pode muito bem ser o único feriado literário do mundo. E é certamente o maior.

E pouco pode deixar mais clara sua beleza, mais nítida sua fertilidade, do que lembrarmos que Bloom é a palavra inglesa antiga para “flor” (a família do judeu Poldy, quando chegou da Hungria, se chamava Virág, flor), e que o “dia de Bloom”, esse “bloom’s day”, surgiu inicialmente como trocadilho com “Doom’s day”, o dia do juízo final.

Trocar o apocalipse, o fim, a morte, o caos pela beleza boba, pela singeleza linda de Poldy Bloom pode bem ser o maior dos efeitos desse livro mercidamente tido por complexo, cuja profunda e revolucionária “humanidade”, no entanto, ainda precisa ser mais divulgada.

O *Ulysses*, afinal, mudou a história do romance. Mudou a história da literatura.

Mas está só esperando, ainda hoje, pra mudar a tua vida de um jeito que poucos romances podem sonhar. Acredite em mim, porque eu...

Mas espera, depois eu continuo com isso porque acabei de ver o Poldy ali na esquina acenando pra mim. ■



 **Caetano Galindo** nasceu em 1973, em Curitiba (PR), onde vive. É professor da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Entre outras obras, traduziu *Os mortos*, *Finn's Hotel* e *Ulysses*, de James Joyce. É autor de *Sim, eu digo sim*, um guia de leitura de *Ulysses*. Também é autor do livro de contos *Ensaio sobre o entendimento humano*, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura em 2013.



DUAS BOCAS E UM OUVIDO

André Ducci Ilustração

De Antirésio dizia-se que sabia ouvir. Fosse qual fosse a confiança, o povo de Quetará logo recomendava: “Diga a Antirésio, pois ele, sim, entende o que a gente fala”. E, sem demora, ávidos por alguém que ouvisse suas longuíssimas lamúrias com ouvidos de quem sabe o que fazer, partiam em direção à casa que ficava no pequeno vale, a poucos quilômetros da cidade. Seu Antirésio, como era respeitosamente chamado, era um sujeito reservado, de pouca prosa e avesso a futilidades. Pelo menos era o que comentavam as senhoras, do alto de suas janelas, vigiando sem o menor constrangimento a rotina das pessoas. Nunca fora visto desperdiçando palavras entre uma jogada e outra de dominó, na praça central. Limitava-se a prestar atenção ao adversário, esse tão voltado a si mesmo que invariavelmente perdia o jogo. Outros incautos, que mal sabiam as regras do jogo de tranca, aventuravam-se à mesa somente para ter a oportunidade de estar ao seu lado.

A filha estava grávida e o pai era desconhecido: “Vá ter com Antirésio!”. O gado subitamente adoecia: “Não demore a contar a Antirésio”. Um menino viu descer do céu uma nave brilhante que desapareceu à chegada dos pais: “Esperem só até seu Antirésio saber!”.

O pároco, injuriado, percebeu seu rebanho cada vez mais pastando em torno do velho Antirésio e decretou confissão obrigatória toda semana. Com as espíãs sempre a postos nas janelas, ai de quem desobedecesse ao pedido de Deus e evitasse o confessor. Aconteceu que os métodos do pároco não agradaram à população de Quetará. Quando as histórias de suas aventuras rotineiras e de seus comemorados pecados chegavam àquele ponto em que os olhos brilham pelo simples ato de lembrar, lá vinha o padre, presença inoportuna, perguntar se estavam arrependidos e recomendar algumas ave-marias ou alguns pais-nosso. Insatisfeitos pelas interrupções, os fiéis corriam para a casa de Antirésio e não saíam antes de a escuridão se derramar sobre o vale.

O próprio padre, desesperado com a ineficácia de suas palavras, rendeu-se. Se era Antirésio quem eles ouviam, iria ouvi-lo também, para saber o que fazer. Nessa noite, Antirésio,

bombardeado com palavras santas, apenas curvava levemente a cabeça, concordando cada vez mais e sempre com o vigário. Ele encantou-se de tal modo com a própria confissão que, desde então, multiplicaram-se em Quetará os boatos de que uma alma penada de capa preta e crucifixo é vista rondando a pequena estradinha de terra, todas as noites.

Os ouvidos que aguentavam choro de pobre também toleravam desalento de rico. O prefeito de Quetará envolveu-se em um escândalo e, acuado, decidiu recorrer aos ouvidos de Antirésio. Sua esposa, preocupada com a reputação dos filhos na escola, questionou: e se ele contasse a alguém? Estariam acabados. O prefeito sorriu de orelha a orelha e bradou: “Pois sabia você que eu mais de mil vezes estive naquela casa e nunca ouvi uma palavra sequer da boca do velho! Ele é um túmulo”. E era. Assim que chegava à praça, aglomeravam-se à sua volta os desocupados em busca de conselhos. O primeiro a falar, quer por ter gritado mais alto, quer por ameaça física, quando se calava e se preparava para escutar o comentário final e definitivo, ouvia do meio da multidão uma segunda voz, que logo iniciava sua história e que, ao término, também era surpreendida por um terceiro falante; e assim seguiam-se, até que seu Antirésio se espreguiçasse, levantasse e fosse embora.

Na ânsia de serem ajudadas, as pessoas passavam o dia a contar pormenores e, no fim do invariavelmente longo monólogo, insistiam para que o velho esperasse até o dia seguinte para aconselhar, pois amanhã lhe explicariam melhor os pontos obscuros e trariam novos detalhes importantes. No dia seguinte, ao verem mais uma tarde findando, lembravam-se de nuances que levariam a outra fala e outra e outra e outra.

E outra e outra, até que certa tarde, com centenas de histórias ainda incompletas, seu Antirésio sentiu-se mal e subitamente fechou os ouvidos para sempre. A comoção foi geral, o prefeito decretou feriado e o padre fez um discurso emocionado, que terminava solenemente assim: “Quetará perde seu mais ilustre e sábio cidadão, que com suas iluminadas palavras fez de nós o que somos hoje. Que elas não sejam jamais esquecidas. Amém”. ■

O PALADAR DE RABELAR



André Ducci Ilustração

Para bom entendedor, meia mordida basta. Estivesse faminto, para Rabelar meia mordida era mais que suficiente para começar a receber, não sabia se vindas do estômago, informações sobre a vida passada, presente ou futura do cozinheiro. Não se considerava um paranormal, tampouco creditava à intuição o fluxo de dados que lhe vinha à mente ao morder a pontinha de uma rabanada. Acreditava em algo físico, que do cozinheiro passava para a comida e que somente seu paladar decodificava. Seus pais, da geração paz, amor e uma folhinha de alface sem tempero, haviam-no condicionado a uma vida frugal. Nos tempos idos, comia com remorso qualquer coisa que tivesse sido esquentada por mais de cinco minutos.

Mais velho, já morando sozinho, instintos primitivos se apoderaram de Rabelar, que não resistiu aos encantos da chuleta, do toicinho e do galetto. Seu dom começou a manifestar-se. No início, na forma de uma leve empatia, uma sensação agradável de que a figura de avental engordurado diante da chapa era um velho amigo de infância, tal a impressão de já conhecê-lo. Logo percebeu as dimensões do legado. Não resistiu à tentação de dizer à senhora japonesa da barraca de pastéis que fechasse meia hora mais cedo, a tempo de chegar em casa e ver seu marido preparando a massa da vizinha.

Ele mesmo não sabia cozinhar nada. Quando tentou aprender, assustou-se. Comer o próprio ovo frito era uma experiência de autoconhecimento. Os boatos de que o rapaz da casa da esquina lia a sorte nos alimentos fez com que surgissem os primeiros movimentos em sua porta. Logo, a coisa tomou tal proporção que, já pela manhã, da esquina de baixo era possível sentir o aroma dos pudins de leite, rissoles, brigadeiros e outras delícias que o povo da fila trazia para Rabelar. Ele recebia a todos, até que em seu estômago não coubesse nem mais um grão de arroz. E lá se iam as pessoas que não tinham conseguido ser atendidas, tristes com os quitutes intactos, que fariam a alegria dos parentes ou dos amigos de trabalho. No dia seguinte, mais uma vez, estariam lá com seu frango com polenta, seu rocambole de doce de leite, atrás de palavras que os fizessem entender um pouco melhor as receitas de suas vidas.

O número de pessoas contempladas a cada dia dependia de inúmeros fatores, o que tornava a espera imprevisível. Se, digamos, logo de manhã, Rabelar estivesse de barriga vazia e a

primeira pessoa da fila lhe trouxesse magníficos croissants, mal saídos do forno e ainda cheirando a manteiga derretida, seria impossível não se empanturrar, o que condicionaria as próximas visitas à eficiência de sua digestão. Ou, então, se um dos desesperados exigisse uma informação muito remota, de ingredientes raros, seria preciso uma farta porção para que as repostas viessem à mente de Rabelar. Em qualquer desses casos, a insatisfação na fila cresceria, mas a fidelidade ao visionário permaneceria a mesma.

Como todo fenômeno, Rabelar provocou controvérsias. Certa dona de casa, ao sair realizada graças ao acerto de suas confortantes palavras, espalhou na fila o boato de que o manjericão, combinado com outras dezesseis ervas, aguçava sobremaneira as qualidades do oráculo. E passou a vender a receita na fila, inicialmente de pessoa em pessoa, depois em uma barrquinha modesta, até que, por força da propaganda, foi chamada por uma editora para lançar um livro de culinária espiritual, com receitas que amplificavam o poder de previsão e aconselhamentos. Estudando o livro, nasceram os primeiros discípulos de Rabelar, sem nenhuma autorização ou reprodução do original, que preferia manter-se independente dos pais e continuar a usufruir das refeições gratuitas. Poucos, entretanto, lograram sucesso na concorrência ao modelo. Não conseguiam resistir à vontade, quase visceral, de criticar os pratos preparados pelos fiéis, e, ao invés de falar de amores, carreiras e famílias, aconselhavam mais uma pitada de sal ou uma clara para dar liga.

Não é exagero, como dizem os incrédulos, atribuir a harmonia de vários casamentos a Rabelar. Os maridos, desejosos de saber sobre a vitória do time no campeonato ou a verdade sobre a história do amigo que dizia ter um caso com a gostosa do RH, aprendiam a fazer suas primeiras gororobas. Suas mulheres, felizes, incentivavam, afirmando com todas as letras da sopa que só assim eles seriam recebidos pelo mestre.

Quis o destino que, aos trinta e três anos, Rabelar tivesse a última passagem livre em uma artéria entupida pela gordura da picanha que comera no almoço daquele dia. Ao sentir o latejar no peito, o mal-estar e o estômago trabalhando, Rabelar ainda era capaz de balbuciar palavras sobre o passado, o presente e o futuro do ilustre churrasqueiro que matara o grande mestre. ■

ENSAIO | GEAN FERRONATTO

CLIQUEES

EM CURITIBA





Gean Ferronato teve contato com a fotografia ainda criança, por influência do avô. Ao longo da carreira, transitou por outras áreas da cultura, como teatro, música e artes visuais. Paralelamente à fotografia comercial, desenvolve projetos autorais, como o ensaio publicado nesta edição do **Cândido**, que discute o contraste entre solidão e multidão nas grandes cidades.

Biblioteca Pública lança livro de jovens contistas paranaenses

DA REDAÇÃO

A Biblioteca Pública do Paraná promove no dia 6 de julho o lançamento de *15 formas breves*, obra publicada pelo selo Biblioteca Paraná que reúne em 164 páginas contos de 15 jovens escritores paranaenses. O evento tem início às 17h no Hall Térreo, com sessão de autógrafos. A entrada é franca.

Autores entre 18 e 30 anos, nascidos ou radicados no Estado, encaminharam inéditos para a redação do *Cândido*, responsável pela seleção dos textos. Foram escolhidos Andressa Barichello, Bolivar Escobar, Bruno Cobalchini Mattos, Bruno Vicentini, David Ehrlich, Gabriel Protski, Guy Fausto, Kayo Augustos, João Paulo Marcowicz, Luís Felipe Ferrari, Mateus Ribeirete, Marco Aurélio de Souza, Marcell Mengarda, Murilo Lopes e Wilame Prado.

O título desta antologia é inspirado na coletânea de ideias *Formas breves*, de Ricardo Piglia (1941–2017). Em um dos ensaios, “Novas teses sobre o conto”, o escritor argentino reflete sobre o tempo de gestação de uma obra literária. Para ele, a “espera” até que um conto ou romance seja iniciado é tão fundamental quanto outros elementos da escrita de ficção.

Em outras palavras, Piglia diz que a experiência do autor como ser humano — e toda carga sentimental inerente a essa existência — é um elemento crucial. “A arte é uma atividade impossível do ponto de vista social, porque seu tempo é outro, sempre se demora muito (ou muito pouco) para ‘fazer’ uma obra”, diz.

É a partir desta chave que os textos dos jovens autores reunidos em *15 formas breves* podem ser lidos. São contos de escritores em formação, alguns deles estreando em uma publicação, mas que buscam captar, com temáticas variadas, as marcas do nosso tempo: a efemeridade das relações, a autorreferência, os novos canais de informação e as discussões de gênero, por exemplo. E, se a dicção é a do século XXI, as narrativas tratam de questões atemporais, como solidão, incomunicabilidade, vício, desejo, perda, amor, morte e outros dramas humanos.

Os contos de *15 formas breves* também dialogam, direta e indiretamente, com as narrativas dos mestres do gênero, como Anton Tchecov, Katherine Mansfield, Guy de Maupassant, Jorge Luis Borges, Machado de Assis, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Sérgio Faraco, Sérgio Sant’Anna e Antonio Carlos Viana — o que sinaliza que ninguém é uma ilha, muito menos estes 15 jovens autores que miram o passado e esboçam caminhos para o futuro.

48 contos paranaenses, coletânea organizada por Luiz Ruffato em 2014, é um dos títulos publicados pelo selo Biblioteca Paraná para comprovar a pluralidade do conto paranaense ao longo de quase dois séculos. Agora, *15 formas breves* contempla outras vozes, de várias regiões, mapeando a intensa atividade literária do Paraná. ■



Serviço

Lançamento de *15 formas breves*, coletânea que reúne contos de 15 jovens autores com idade entre 18 e 30 anos, nascidos ou radicados no Paraná.

Dia **6 de julho**, a partir das **17h**.

Hall Térreo da Biblioteca Pública do Paraná

Rua Cândido Lopes, 133, Centro, Curitiba – PR

Mais informações (41) 3221-4917 | Entrada franca

Projeto Música na Biblioteca está de volta reformulado

DA REDAÇÃO

De volta após um período de reformulação, o projeto Música na Biblioteca estreou no último dia 12, com um espetáculo do grupo curitibano Perla Flamenca. Criada em 2012, a iniciativa tem o objetivo de colocar artistas locais de todos os estilos em contato direto com o público. Os shows são gratuitos e acontecem quinzenalmente no hall térreo da BPP — por onde passam, todos os dias, 2,5 mil pessoas.

Segundo o diretor da Biblioteca Pública do Paraná, Rogério Pereira, o projeto é mais uma das várias frentes de trabalho desenvolvidas na instituição em seu processo de modernização, iniciado há seis anos. “A BPP está cumprindo o papel das bibliotecas modernas, que é atuar além do empréstimo de livros e apostar na multiplicidade. Hoje também abrimos espaço para cinema, teatro, dança, contação de histórias, oficinas. E a música não poderia ficar de fora desse leque de opções que oferecemos”, diz.

Já participaram do Música na Biblioteca nomes variados da cena curitibana, como Glauco Solter, Ana Cascardo, Charme Chulo, Jump Jazz, Luiz Felipe Leprevost e Murillo da Rós,

entre outros. A cantora Alexandra Scotti, que se apresentou em 2012, destaca a importância do projeto em sua trajetória artística. “Estreei o meu show *Tributo a Gal Costa* na Biblioteca e tive certeza de que o repertório era viável depois de sentir a reação das pessoas”, lembra.

Radicados em Curitiba há 10 anos, Miri Galeano “Perlita” e Jony Gonçalves, bailarina e guitarrista do Perla Flamenca, acreditam que o show na BPP vai abrir novas portas para o grupo. “Já participamos de vários projetos na cidade e até trouxemos artistas internacionais para se apresentar com a gente. Mas o Música na Biblioteca nos deu uma divulgação e visibilidade que nunca tivemos aqui”, afirma Gonçalves.

O projeto tem curadoria da equipe da Divisão de Difusão Cultural da BPP — responsável por iniciativas como as Oficinas de Criação Literária, a série de encontros Um Escritor na Biblioteca e o Prêmio Paraná de Literatura, além de toda a comunicação e produção editorial da instituição (incluindo o **Cândido**). Os artistas interessados em participar do Música na Biblioteca podem enviar propostas para o e-mail imprensa@bpp.pr.gov.br. ■



Kraw Penas

Serviço

Música na Biblioteca

Shows a cada 15 dias, sempre às sextas-feiras, no hall térreo da Biblioteca Pública do Paraná (Rua Cândido Lopes, 133, Centro – Curitiba)

Acompanhe a programação no site bpp.pr.gov.br ou nas redes sociais da BPP
Mais informações: (41) 3221-4911 | Entrada franca

A Biblioteca Pública

rejuveneceu.



*Venha, ler
as novidades*

Mais conforto. Mais opções de cultura, lazer e conhecimento.
Aos 160 anos, a nova Biblioteca Pública do Paraná é um centro cultural,
com teatro, música, dança e, é claro, muita literatura. Venha ler as novidades.

160
BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

